



Uma novela de
ITALO
OLIVEIRA

ÁGUAS SOMBRIAS

uma versão do clássico A Pequena Sereia

*Uma história de
Reinos Esquecidos*





ÁGUAS SOMBRIAS

Copyright © 2019 Ítalo Oliveira

Revisão: Juliana Daglio

Capa: Ítalo Oliveira

Diagramação: Ge Benjamim – Serviços Editoriais

Todos os direitos reservados.

Águas Sombrias

1. Novela

2. Literatura Brasileira.

Edição Digital | Criado no Brasil.

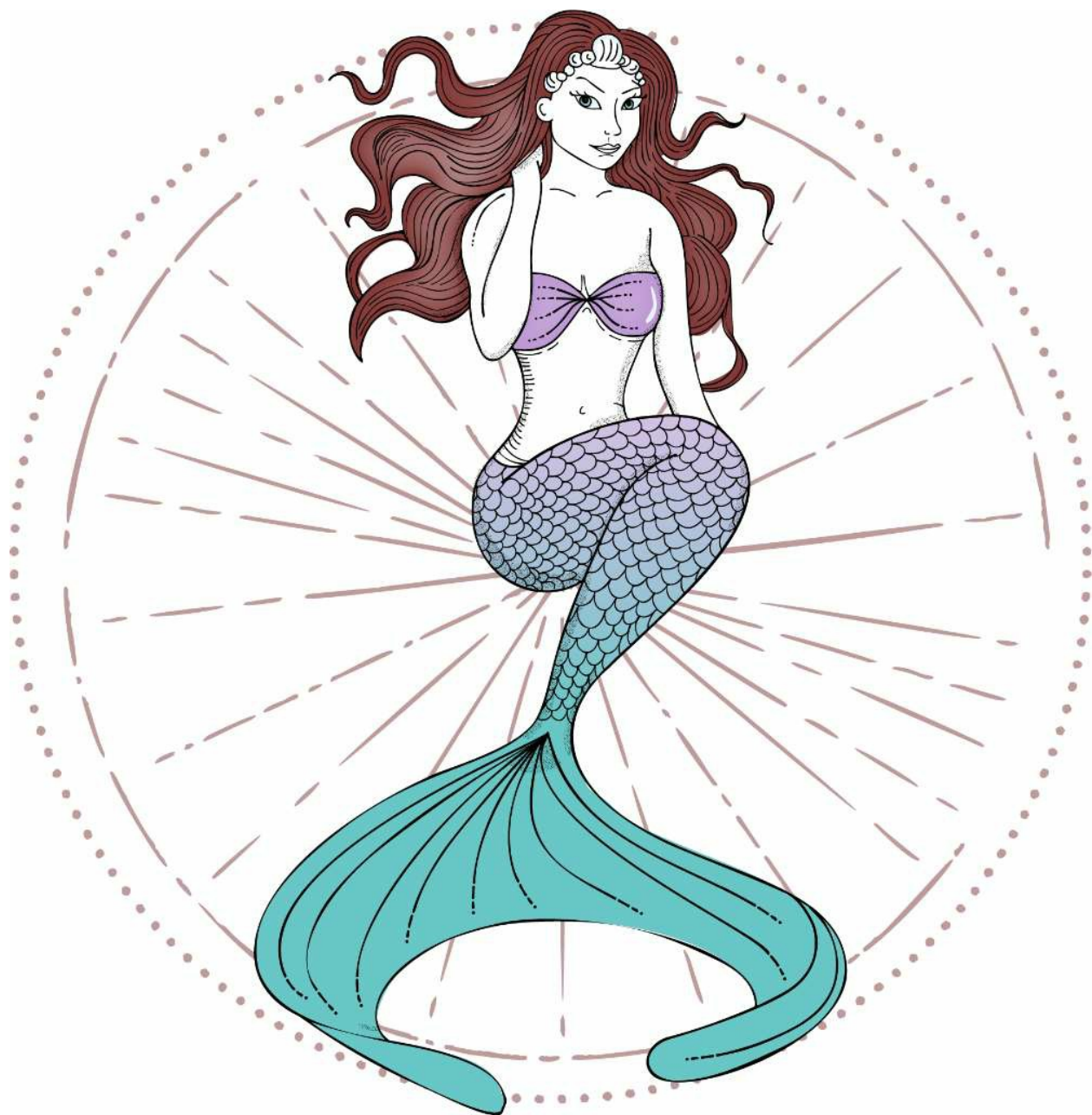
Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610. De Fevereiro de 1998 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Esta é uma obra de ficção e toda e qualquer semelhança com pessoas ou situações reais terá sido mera coincidência.

Era uma vez, no mais profundo dos oceanos, uma sereia de cabelos rubros como o sangue e cauda verde como as algas. Nascera do mais belo dos lírios-do-mar, que desabrochava na manhã mais brilhante de todas. Era a mais formosa das sereias, e embora o seu lugar fosse nas águas, nadando, seu maior sonho era voar.



PARTE UM

A maré alta e escura indicava que o dia estava acabando. Pinceladas de laranja e cor-de-rosa coloriam o céu, outrora claro e vivo. O enorme sol beijava as águas do oceano, desaparecendo do campo de visão dos marinheiros, os quais retornavam das furiosas ondas em seus barcos. Algumas navegações estavam lotadas de peixes e frutos do mar, outras, mal comportavam homens que se mostravam desapontados com a pesca do dia.

Escondida por entre as rochas em meio ao mar, Liren ouvia as conversas dos aldeões próximos aos barcos. Tentava colocar seu cabelo rubro molhado para trás das orelhas, como via algumas mulheres ao longe fazendo, na tentativa de imitá-las – sem sucesso. As ondas avassaladoras abraçavam seu corpo, levando-a para longe das pessoas, e conseqüentemente, de suas vozes. Esforçando-se para segurar nas rochas pontiagudas, Liren prestava o máximo de atenção que podia. Ao ouvir um dos rapazes falando sobre o miraculoso homem do oriente que conseguia voar em um tapete, seu coração acelerou. Imaginava como deveria ser incrível nadar por entre as nuvens, sentir o vento envolvendo todo o seu corpo, e ouvir a melodia mais doce do ar inundando seus ouvidos e cabelos.

Era perfeito.

Uma borboleta de asas laranja pousou na rocha onde Liren se segurava. Já havia visto o animal alado algumas vezes, mas nunca de tão perto. Suas amigas gaivotas certa vez lhe contaram que as borboletas não nasciam borboletas, mas sim lagartas ou coisa do tipo. Elas rastejavam e passavam boa parte do tempo em um casulo, onde suas asas eram construídas, e quando estavam prontas, podiam voar por todo o céu. Liren era fascinada por essa história. Imaginava quando poderia entrar em seu casulo, e assim transformar

sua cauda em pernas, assim conseguindo andar e realizar seu maior sonho: conhecer o mundo.

As ondas voltaram a puxá-la, tirando-a de sua posição inicial, assustando a borboleta, que voara para longe dela. Seu corpo fora levado pelas ondas, mas já não era problema para a sereia. Liren estava totalmente compenetrada em seus sonhos mais profundos e verdadeiros. Sentiu o frio da água em seus cabelos e narinas. Estava submersa. Observou então, ao seu redor, a escuridão das águas mostrava-lhe que já era hora de voltar para casa. Sua cauda cirandava por entre os corais e algas de diferentes cores que passavam por seu caminho, fazendo cócegas em suas escamas, tirando-lhe alguns sorrisos. Sentia-se bem na água — era o seu habitat natural, de fato. Porém, não se sentia completa. Sempre que voltava da superfície imaginava como deveria ser maravilhoso poder andar, conhecer o mundo magnífico e gigante fora das águas. Lastimava-se por imaginar as paisagens maravilhosas que nunca poderia ver pessoalmente, apenas nos livros que caíam no mar, e que em poucos minutos eram destruídos pela água. Daria qualquer coisa para se desprender das amarras que a prendiam no fundo do mar.

Quanto mais fundo Liren nadava, mais luminosa a água se tornava. Avistava, então, sua casa, o reino de Corália. O reino coberto por corais e conchas brilhantes era um deleite para os olhos. Podia ouvir de longe a melodia que as ondinas de água salgada produziam. Milhares de seres aquáticos de diferentes cores, formas e tamanhos nadavam de um lado para o outro, reverenciando a sereia mais jovem da família real, que nadava apressadamente para casa. Sabia que havia esquecido de seu compromisso.

Liren esforçava-se ao máximo para se encaixar nos padrões aquáticos, mas seu curioso desejo de conhecer a superfície lhe tirava o foco. Sabia que tinha aulas de etiqueta e nado com a arraia Muriel todas as manhãs. Aulas em

que era muito boa, aliás. Sua agilidade era invejável por todas as sereias de sua idade. Suas tardes eram embaladas pelas aulas de canto sereístico com a sra. Nereida, que era extremamente rígida.

“Sua sorte é que tem uma bela voz, Alteza, pois peca no comprometimento”, dizia a professora, com a voz mais seca possível.

Já estava preparada para ouvir os sermões de todos no palácio, já que gastara todo o seu dia nadando fora do reino.

Ao se aproximar do palácio de Pérolas, onde vivia com sua família, avistou Kora, que nadou em sua direção aparentemente preocupada. Nunca havia visto a irmã nadar tão rápido quanto naquele dia.

— Liren! – falou a irmã, com uma certa tensão, misturada com alívio na voz — Onde você estava? Estão todos te procurando! Sabes que não pode sair sozinha enquanto *eles* estão por aqui.

— Humanos? — perguntou Liren, observando o rosto da irmã faiscar de nervoso.

— *Psiiu!* Sabe que é proibido dizer essa palavra aqui! — repreendeu-a, assustando-a com seu sussurro de alerta.

Liren sabia que, para as sereias, os humanos eram uma ameaça. Desde que começaram a roubar animais e frutos do oceano, as sereias e tritões nunca mais estiveram seguros. Isso os obrigou a se esconderem o mais profundo que conseguissem.

Quando pequena, a sereia tinha pavor dos humanos, devido as histórias que ouvia dos mais velhos. Acreditava que fossem monstros com enormes presas e tentáculos que procuravam a todo custo matar quem estava em sua frente, mas constatou mais de uma vez que eram apenas histórias, e que os

humanos não tinham nada de assustadores. Porém, entendia o motivo de tanto medo. Como não se lembrar da história da sereia que quase foi morta por um humano, e perdeu o direito de conviver com os outros seres marinhos?

— Você conhece as regras, Liren! — disse Kora, levantando seu dedo indicador, prestes a recitá-las novamente.

Kora fazia questão de sempre lembra-la disso. Eram as regras do mar: nunca falar, olhar, tocar ou salvar um ser humano.

— Não precisa dizê-las, por favor! — a irmã suspirou, relaxando um pouco o corpo.

— Afinal de contas, onde você estava? Não me diga que foi até a superfície novamente...

Liren não conseguia segurar o sorriso de empolgação. Antes que pudesse perceber, já estava contando tudo que ouvira naquela tarde.

— Ah, Kora! Você não imagina como o mundo lá em cima é bonito! O céu, o chão, as pessoas! É tudo tão diferente e brilhante. Eu ouvi alguns homens falando sobre um jovem que voou num tapete! Não é incrível? — perguntou a Sereia, com os olhos brilhando de entusiasmo.

Para sua decepção, a expressão da irmã não era das melhores. Kora não parecia nada animada com o que ouvira, e sim muito preocupada.

— Tapete? Mas o que é isso? Do que você está falando?

— Eu também não sei o que é, mas deve ser algo fabuloso, já que te faz nadar no céu! Deve ser como as asas de uma borboleta!

Kora arregalou os olhos, aparentemente assustada, enquanto a irmã prosseguia a devanear, nadando de um lado para o outro com a sua cauda verde brilhante. Seus cabelos vermelhos se movimentavam lentamente, como

uma dança.

— V-você tocou num ser da superfície? — o tom de voz da irmã estava mais agudo e preocupado do que de costume — Está tudo bem com sua cauda? Meu Deus, se tiveres tocado num ser lá de cima, não sei o que nosso pai faria.

A sereia não pareceu se importar com as perguntas de Kora, prosseguindo então com sua fala sobre o mundo banhado de ar.

— Se eu pudesse, já estaria fora dessas águas a muito tempo! — Liren olhou para a irmã, que não dizia nada, continuava com o olhar fixo, como uma das estátuas que a sereia encontrara há algum tempo após um naufrágio. — O que houve, Kora?

A sereia olhou para trás, e entendeu o porquê do congelamento da irmã. Era seu pai. O Rei Marvin era o mais poderoso tritão que existia no oceano. Seus cabelos longos e ruivos estavam presos numa trança, que se encontrava com sua barba da mesma tonalidade. Sua cauda era negra, e uma das nadadeiras era rasgada, o que dificultava seu nado. Em uma de suas mãos estava um tridente dourado, cravejado com pérolas. Seu maxilar trincado e seus punhos cerrados mostravam que o poderoso Rei e pai das irmãs que ali discutiam, não estava nada contente com o que ouvira naquele momento.

— P-papai... — a voz de Liren falhou por um momento. — O senhor está aí!

Liren tentou sorrir, mas de nada adiantava. O pai havia ouvido tudo, e ela sabia que o castigo não seria pequeno.

— Liren, quantas vezes terei que dizer? Não quero que vá até a superfície! Os seres que lá habitam podem te matar a qualquer momento! É perigoso!

A garota apenas abaixou a cabeça. Sabia que não deveria contestar as palavras do pai, mesmo que não concordasse.

A vida inteira foi assim, apenas as palavras do *poderoso* Rei Marvin ou de qualquer outro tritão importavam.

— E você, Kora? — virou-se para a outra filha, que saiu do transe em que estava — Eu lhe ordenei que cuidasse de sua irmã mais nova! Como pôde deixa-la sair dos arredores do reino? Deviam estar estudando, e não brincando perto dos... Daqueles seres!

— Perdoe-me, meu pai. — Kora se curvou, claramente constrangida. — A culpa é toda minha.

— Mas, papai, eu estava estudando! — disse Liren, com um pouco de empolgação na voz, correndo um grande risco de nunca mais poder sair do palácio — Existem tantas coisas maravilhosas lá em cima! Tantas coisas para aprender e visitar... Existe um mundo inteiro lá, e eu gostaria de conhece-lo, meu pai.

Pela primeira vez naquele dia, a expressão do Rei não era de ira. Ele descansou os punhos e suspirou. Olhou bem nos olhos da filha mais nova e disse, com calma:

— Você sabe que esse não é o seu lugar, Liren. O seu lugar é aqui, no fundo do mar, com os que são iguais a você!

O tritão se virou, deixando as duas filhas para trás, mas parou ao ouvir Liren sibilar algo.

— Como sabes onde é o meu lugar? Já se perguntou o que nós queremos? Já se perguntou o que eu sonho para a minha vida? — Seu coração batia rápido. Nunca havia respondido ao seu pai daquela forma.

A sereia não sabia de onde havia tirado forças para falar naquele momento.

Ele não se deu ao trabalho de aumentar o tom de voz. As palavras da filha mais nova não surtiavam qualquer efeito de intimidação no poderoso Rei de Corália. Temia pela vida da filha, de fato, mas não chegava a ser nada preocupante.

— Kora, fique de olho em sua irmã, ela está de castigo e não deve sair do quarto por circunstância alguma. Não me importa quais são os seus sonhos, contanto que eles estejam aqui, na água — disse ele para Liren, que não se mostrava muito animada naquele momento. — Quem dera se eu tivesse tido filhos, e não filhas. Tudo seria mais fácil!

As palavras duras do pai foram como algas venenosas dentro do coração da pequena sereia, que tentava processar os últimos acontecimentos e o seu castigo, também. Não era surpresa para Liren ficar de castigo ou presa dentro de seu quarto protegido por enguias. Ela já estava acostumada com a ideia de ficar enjaulada, vendo sua vida desaparecer junto das bolhas de espuma que se formavam ao nadar de um lado para o outro.

O que a consolava era o seu baú de tesouros escondido debaixo de sua cama feita de conchas, ostras e algumas algas macias. Lembrava-se bem de quando encontrou o baú. Estava perdido dentro de um navio de madeira velho que havia naufragado antes mesmo de ela nascer. Nadava perto de alguns recifes de corais alaranjados, quando observou um brilho intenso saindo por uma das frestas do navio que começava a se despedaçar. Teve alguma dificuldade para abrir caminho entre as lascas de madeira, mas depois de muito esforço, adentrou ao palácio submerso dentro da embarcação. Para sua surpresa, encontrou muitas coisas em bom estado, o que chamou ainda mais sua atenção. Não sabia para que serviam, mas deviam ser de fato

valiosos, não? *Se tiraram da terra firme e trouxeram para a embarcação, algum valor deveria ter*, pensou a sereia. Observou alguns dos objetos encontrados entre os pedaços de madeira da embarcação, um deles era algo muito diferente, e para Liren não parecia ter utilidade nenhuma. O objeto era resistente como pedra, mas era feito de um material prateado nunca antes visto por ela. Ele possuía um pequeno cabo e em sua borda havia três pontas. Achou curioso e resolveu levar para casa, junto do baú dourado que encontrara no mesmo local, baú esse que reluziu pelas frestas da embarcação e a levou até lá.

Passou muito tempo tentando achar a utilidade do objeto que não se assemelhava a nada no oceano, até que certa vez, observou dois marinheiros utilizando o mesmo objeto para levar alimentos até a boca. Entendeu, então, a serventia do garfo. *Que nome gozado*, pensou ela. Quanto mais estudava sobre os seres humanos e o seu mundo, mais queria conhecê-lo. No começo era divertido apenas observá-los e assistir fervorosamente o que eles faziam, mas já não era o bastante para a sereia de cabelos vermelhos. Não entendia como um mundo que fazia coisas tão maravilhosas como um garfo, poderia ser tão mal como o seu pai dizia. As histórias que ouvia sobre os humanos e o seu mundo não se assemelhavam a nada do que seus olhos conseguiam ver sempre que chegava à superfície. Já havia questionado e buscado respostas para as regras de seu pai, e embora tentasse entendê-lo, não conseguia esconder sua tristeza e indignação. Se ao menos pudesse fazer algo de importante no mar, como alguns tritões faziam, podia se sentir melhor, mas nem isso lhe era permitido. Segundo as leis do mar, as sereias não tinham nenhuma autonomia para atividades que, de fato, fossem importantes para o reino, o que deixava a vida de Liren ainda mais infeliz. Mesmo sendo uma Princesa, só conhecia o título pelo nome, já que sua importância era quase zero para a corte marinha.

Desistiu de abrir o baú escondido entre as conchas debaixo de sua cama, e apenas se virou para a pequena janela do quarto. Não estava com forças e nem com ânimo para nenhuma atividade no momento. Embora não quisesse admitir, sofrera com as palavras duras do pai. Como ele podia dizer aquilo? Preferir *filhos* a filhas? Liren tinha certeza de que seu pai não pensava em como ela e Kora se sentiam.

A porta de seu quarto foi aberta causando um barulho estrondoso entre as pedras que sustentavam o palácio. Liren levantou-se da cama de folhas aquáticas onde estava deitada, entregando toda a sua atenção para Kora, que não perdeu tempo e logo se aproximou da irmã.

Liren amava observar sua irmã. Achava que era a mais bela dos seres do reino. Seus cabelos castanhos levemente avermelhados contrastavam bem com a cauda alaranjada e olhos amarelados. A pele era tão macia, e trazia consigo as belas joias que Liren havia retirado do baú para presentear-lá. Sobre a cabeça de Kora havia uma tiara de conchas brancas que brilhava sempre quando algum raio do sol a tocava. Era, de fato, belíssima.

— Como você está, minha irmã? — perguntou Kora, segurando nas mãos da sereia. — Papai foi muito duro contigo, eu sei disso. Mas tudo o que fez e faz é para...

— *A nossa segurança* — completou Liren. — Eu sei de tudo isso, Kora! Não me entenda mal, eu sou muito grata por todo o cuidado que vocês têm comigo, eu só acho que... Que eu não posso ficar aqui! — Seus lábios tremiam enquanto falava, ela segurava as lágrimas com toda a força que possuía em seu corpo.

— Como assim, Liren? Não me diga que... — Kora não conseguia completar seu pensamento, não podia crer no que escutava.

— Meu maior sonho é ser humana, e sair dessas águas que, cada vez mais me puxam para o fundo — confessou, com a voz mais branda. — Desde que conheci o mundo lá em cima, nada mais faz sentido por aqui.

Kora não sabia o que dizer. Parecia que seu cérebro estava processando lentamente as palavras que sua irmã proferiu.

— Todas as vezes que te ouvi dizer o quanto amava aquele mundo e que daria tudo para sair daqui, nunca imaginei que falava sério — disse Kora, voltando a si. — Liren, isso é loucura! É impossível! Como uma sereia pode se transformar em *humana*? Não faz sentido!

Liren sorriu para a irmã com uma feição triste.

— Ah, Kora, eu já sou uma humana, aqui dentro. — Ela bateu no peito. — Todos acham que eu nasci para ser uma *Princesa Sereia* que obedece às ordens do pai, mas eu quero mais que isso. Minha vida não pode ser tão triste assim, não é?

— Eu não vejo problemas em ser uma Princesa Sereia. Gosto muito, diga-se de passagem.

— Você gosta de não ter voz, Kora? — perguntou Liren, deixando a irmã sem jeito. — Gosta de ser submissa aos Tritões o tempo todo? Gosta de não ter liberdade e ficar trancafiada nos portões do reino? Eu realmente não consigo encontrar motivos para ser feliz assim.

— Liren, escute-me bem: eu compreendo todos os seus questionamentos, mas quando for mais velha, entenderá que tudo é para o seu bem — disse Kora, acariciando delicadamente os cabelos da irmã. — Lembra-se da história da sereia que trocou sua cauda por pernas de humano com magia negra? Ela quase foi morta no mundo lá de cima, e hoje vive isolada fora do reino.

Liren conhecia bem as histórias que contavam sobre a Bruxa do mar, e podia imaginar o quanto sua vida deveria ser solitária. Embora seu maior sonho fosse viver no mundo lá de cima, não conseguia aquietar o coração por medo do que poderia acontecer caso seu sonho se tornasse real. Imaginava como deveria ser a Bruxa do mar, e se ela poderia ajudá-la a se tornar humana, mas não ousava falar isso para Kora.

— Sei que tudo isso é terrível, mas o que acha de tentar mais uma vez conviver conosco? Vai ver que não é tão ruim a vida aqui no mar — aconselhou a irmã, com um grande sorriso no rosto, que transparecia paz e tranquilidade para Liren.

Sabia que não tinha outra escolha. Uma hora ou outra teria que falar com seu pai e resolver todos os problemas. Era melhor que fosse logo, assim ficaria livre de qualquer culpa ou mágoa.

Liren assentiu, tentando mais uma vez acreditar que tudo ficaria bem, mesmo sendo no fundo do mar.

— Ótimo! O papai está nos esperando na sala do trono. Temos visitas! Ele disse que você poderia sair para cumprimentá-los, mesmo estando de castigo.

— Visitas? — perguntou Liren — Quem poderia ser?

As maçãs do rosto de Kora ficaram vermelhas instantaneamente. Antes de falar abriu um pequeno sorriso.

— O Príncipe Urin, junto de seus pais — respondeu, com animação, juntando suas mãos. — Acredito que vieram pedir a minha mão! Não é incrível?

Liren não entendia muito bem o porquê dessa necessidade de se casar

ou amar alguém. Para ela era muito mais interessante conhecer novas coisas. Se apaixonar era uma perda de tempo, mas sabia que se tratava de algo importante para a irmã, que desde sempre suspirou por Urin, o Príncipe herdeiro do reino vizinho. Para seu pai, a união seria muito vantajosa, já que o reino de Urin era extremamente rico. Por sorte, Kora era apaixonada por ele, pois os sentimentos dela não foram levados em consideração em nenhum momento desde o acordo de casamento, firmado há anos.

— Se você diz, deve ser mesmo, Kora. Mas por que a minha presença é necessária? Pensei que ficaria de castigo por pelo menos mais cem anos!

As irmãs nadaram em direção à sala do trono, onde todos as esperavam.

— Não seja boba, Liren — disse a irmã, segurando o riso. — Veja, estão todos ali! Eu mal consigo nadar, a minha cauda está tão nervosa que deve ter esquecido como se faz.

A preocupação no semblante de Kora era evidente. A sereia mais velha mostrava-se extremamente tensa, enquanto se segurava e tomava pose para entrar na sala do trono, onde todos aguardavam as duas irmãs.

Liren segurou na mão da irmã, que pôde relaxar os ombros por um momento.

Um dos lugares favoritos de Liren era a sala do trono. Lugar esse decorado por sua própria mãe, que morrera há muitos anos. As paredes de pedra da sala eram violetas, contrastando muito bem com as conchas douradas e as pérolas que davam luz ao lugar, com sua magia. Quatro grandes tronos dourados complementavam a decoração no centro da sala, indicando os assentos da família real.

— Estou aqui com você — disse ela, tomando as rédeas do nado, conduzindo a irmã para dentro da sala.

O Rei Marvin, ao observar a chegada das filhas, melhorou a postura e colocou um sorriso, como se realmente estivesse contente com a chegada da filha mais nova, forçando uma alegria que não existia, de fato.

Elphis, o cavalo marinho real, anunciou a entrada das duas irmãs.

— Aqui estão elas, Rei Luan — disse o Rei Marvin, levantando-se de seu trono e aproximando-se das filhas, que tentavam ao máximo seguir as regras básicas de etiqueta.

Mesmo estando desconfortável, Liren tentava parecer feliz e tranquila. Sabia que a irmã valia o esforço naquele momento.

— Como elas cresceram, Marvin! — disse o Rei Luan.

Faltava-lhe cabelos, o que deixava sua coroa dourada um pouco frouxa, indo de um lado para o outro na cabeça enquanto ele se movimentava. Uma longa barba branca ia até o busto. Liren questionava o porquê de ele não cortar parte da barba e a colocar na cabeça, já que tinha tanta. Ao pensar nisso, teve que segurar o riso que se alastrava por toda sua boca.

— É um prazer recebê-los em nosso reino, Rei Luan, Rainha Marisa e... — Kora não conseguia completar a reverência, mas voltou a si após um pequeno toque de Liren, que a fez acordar — P-príncipe Urin — gaguejou, sorrindo apaixonada.

O Príncipe retribuiu o sorriso e o olhar para Kora.

— O prazer é todo nosso, Alteza — respondeu, depois se curvou em reverência.

Urin parecia com sua mãe, com cabelos castanhos e cacheados. Seus olhos esverdeados eram da mesma tonalidade de sua cauda, que era mais longa que as dos seus pais.

— O que os traz aqui? — Liren falou pela primeira vez desde o começo do encontro, recebendo um olhar de reprovação da irmã, que já estava tensa por si só, e pelo o que Liren poderia dizer ou fazer.

— Viemos falar do noivado, é claro! — respondeu a Rainha Marisa, adentrando na conversa. Sua voz era doce e aveludada.

— Sobre isso, sua presença é de fato muito importante, Liren — disse seu pai, parecendo honesto daquela vez. — Decidimos que será melhor que você se case com o Príncipe Urin. É uma mudança repentina, sabemos disso, mas será o melhor para todos nós.

A respiração de Liren parou por um momento. Tudo parou em sua visão. Ouviu o que seu pai falara mais algumas vezes em sua mente, antes de reagir. Não podia acreditar no que seus ouvidos ecoavam.

— O quê? Mas eu não tenho... Eu não... A Kora... — As palavras fugiam de sua boca, enquanto procurava uma boa desculpa para sair daquela situação.

— Levando em consideração os seus últimos *problemas*, acredito que devemos apressar o seu casamento, e tenho certeza de que o Príncipe Urin e sua família cuidarão bem de você nos mares do sul, não acha?

— Papai, o senhor sabe que não é isso que eu quero... — Liren não se importou com as lágrimas que começaram a escorrer em seu rosto, muito menos com o protocolo de etiqueta que precisava seguir perante a nobreza, ela já não se importava com nada. — Kora, diga alguma coisa, por favor!

A irmã parecia tão assustada e desapontada quanto Liren. Antes que pudesse dizer algo, abaixou a cabeça e afastou-se de Liren, nadando para o lado do pai.

— Nosso pai está certo, Liren, você deve se *casar* e deixar seus devaneios de lado. — Sua voz saiu rouca e baixa.

A sereia não sabia o que dizer ou fazer. Todos a estavam observando, enquanto via sua vida ser roubada, vendida. Sentia-se como uma das marionetes que vira com algumas crianças na praia. Sentia-se um coral, sem vida.

Como podiam fazer aquilo com ela? Como podiam decidir seu futuro daquela maneira? Não era justo.

— Sabemos do seu apressado pelo mundo lá de cima, querida. — A Rainha Marisa falou, embora Liren tenha levado um tempo para entender. — Tenha certeza de que todo o seu desejo pela superfície sumirá quando estiver em nosso reino.

— Tenha certeza de que isso nunca acontecerá, Majestade. — A garota respirou fundo, inflando o peito e encarando o pai. — Por muitas vezes eu tentei me encaixar e acreditar que esse era o meu lugar. Tentei me adaptar às suas regras, nas quais eu sempre era colocada para baixo, mas não consegui. Depois de ver como o senhor me vendeu, sem se importar com a minha opinião, tenho certeza de que esse não é o meu lugar. Mesmo que eu não me torne humana, eu irei embora daqui. Este não é o meu lugar.

Liren virou-se, nadando para o topo do palácio, onde avistava a saída, mas as palavras de seu pai a interromperam.

— Você é igualzinha a ela! Igual a Eudora — disse o Rei.

— Eudora? Quem seria essa? — perguntou Liren, virando-se para o pai, que a observava de longe.

— Minha irmã, a Bruxa do mar. A Sereia de quem tanto falei para

você...

Kora olhou para o pai. Segurou em seu braço, dando-lhe forças a continuar a falar.

— A B-Bruxa do mar é sua... *irmã*, papai? — perguntou a sereia, incrédula.

— Sim! E como ela, você é uma rebelde ingrata que prefere o mundo dos *humanos* ao nosso. — Sua fala trazia um tom de decepção e raiva junto.

— Ótimo, eu a encontrarei e descobrirei como posso me tornar humana, assim não te trarei mais desgraças, meu pai — respondeu Liren.

O Rei Marvin cerrou os punhos, as veias em sua testa pulsavam ferozmente.

— Se fizer isso, nunca mais poderá voltar, Liren! NUNCA MAIS! — Gritou, esbravejando toda a sua fúria.

— Qual prisioneiro gostaria de voltar para o seu cativeiro? — perguntou ela, deixando o pai sem fala.

Em seguida, nadou para fora do palácio o mais rápido que pôde, antes que os guardas fossem em sua direção, na tentativa de capturá-la.

Para sua sorte, nadava muito bem e muito rápido. Conseguiu despistar os guardas reais sem muita dificuldade. Sentia-se mal pelos tesouros que deixara em seu quarto, mas agora nada mais importava. Era sua liberdade e seus direitos que estavam em jogo, poderia encontrar outros tesouros.

Depois de nadar por mais um tempo, percebeu que estava fora dos arredores do reino, o que lhe dava certa tranquilidade. Resolveu nadar mais devagar, ajudando assim a relembrar das palavras proferidas por seu pai. Se bem havia ouvido, Eudora, a Bruxa do mar, era sua tia. Sabia que se a

encontrasse poderia ter alguma chance de se tornar humana, pelo menos tinha fé nisso.

Ouviu uma voz familiar a chamar. Virou-se para trás e avistou Kora, nadando o mais rápido que conseguia em sua direção.

— Se veio me pedir para voltar para lá, perdeu o seu tempo, pois nunca mais ponho minhas nadadeiras naquele lugar. — Liren cruzou os braços.

— Não vim te pedir isso, sua tola. — Kora tentava acalmar suas brânquias enquanto falava.

— E então o que quer? Já não basta ter ficado do lado dele? Veio me pedir para casar com Urin? Isso não irá acontecer, pois...

— No vale das águas sombrias tem uma enorme caverna escura — cortou Kora. — Lá você encontrará Eudora.

— Como sabe disso? — Liren parecia descrente das informações que sua irmã lhe passara.

— Qualquer pessoa que estuda o mínimo do nosso reino sabe que deve ficar longe do vale das águas sombrias por causa da Bruxa, Liren. E tem mais um motivo... — Kora parou por um momento de falar. Tentava encontrar as palavras certas. — Eu já sabia sobre a Eudora, e também já a vi.

Liren percebeu, que assim como ela, sua irmã também tinha segredos. Quis questionar a irmã, perguntar o porquê de ela não falar sobre sua tia para ela, mas resolveu não piorar a situação com mais problemas. Deveria filtrar os assuntos e perguntar apenas o necessário.

— Então, de fato ela irmã de nosso pai? — perguntou, recebendo a concordância da irmã com a cabeça. — Tens certeza de que sua morada é no vale das águas sombrias, não é?

— Sim! Você passará pela fenda do pântano, mas tenha cuidado, existem enormes peixes pedra por todos os cantos. — Liren esforçava-se para memorizar as palavras da irmã. — Após passar por eles, encontrará a entrada para o vale das águas sombrias, onde vive Eudora, junto dos seres esquecidos por nosso reino.

Liren assentiu.

Nenhuma palavra mais foi dita naquele momento. Liren correu para os braços da irmã, dando-lhe um longo abraço, depositando nela toda a sua confiança.

— Obrigada — disse a Sereia, em meio ao abraço. — Sem você, não teria suportado tanto tempo o nosso pai e todo o resto. A mamãe estaria orgulhosa de você!

— Seja feliz, e conheça o mundo. Por nós duas – pediu Kora, abraçando a irmã com mais força. — Pegue isto.

A irmã entregou-lhe uma cordão com uma pequena concha roxa, que fora de sua mãe. Antes de morrer, a mãe havia entregue o cordão para a filha mais velha, que tivera muito cuidado ao longo dos anos, mas sabia que era a hora de passar adiante o bem mais precioso da mãe. Era de Liren agora.

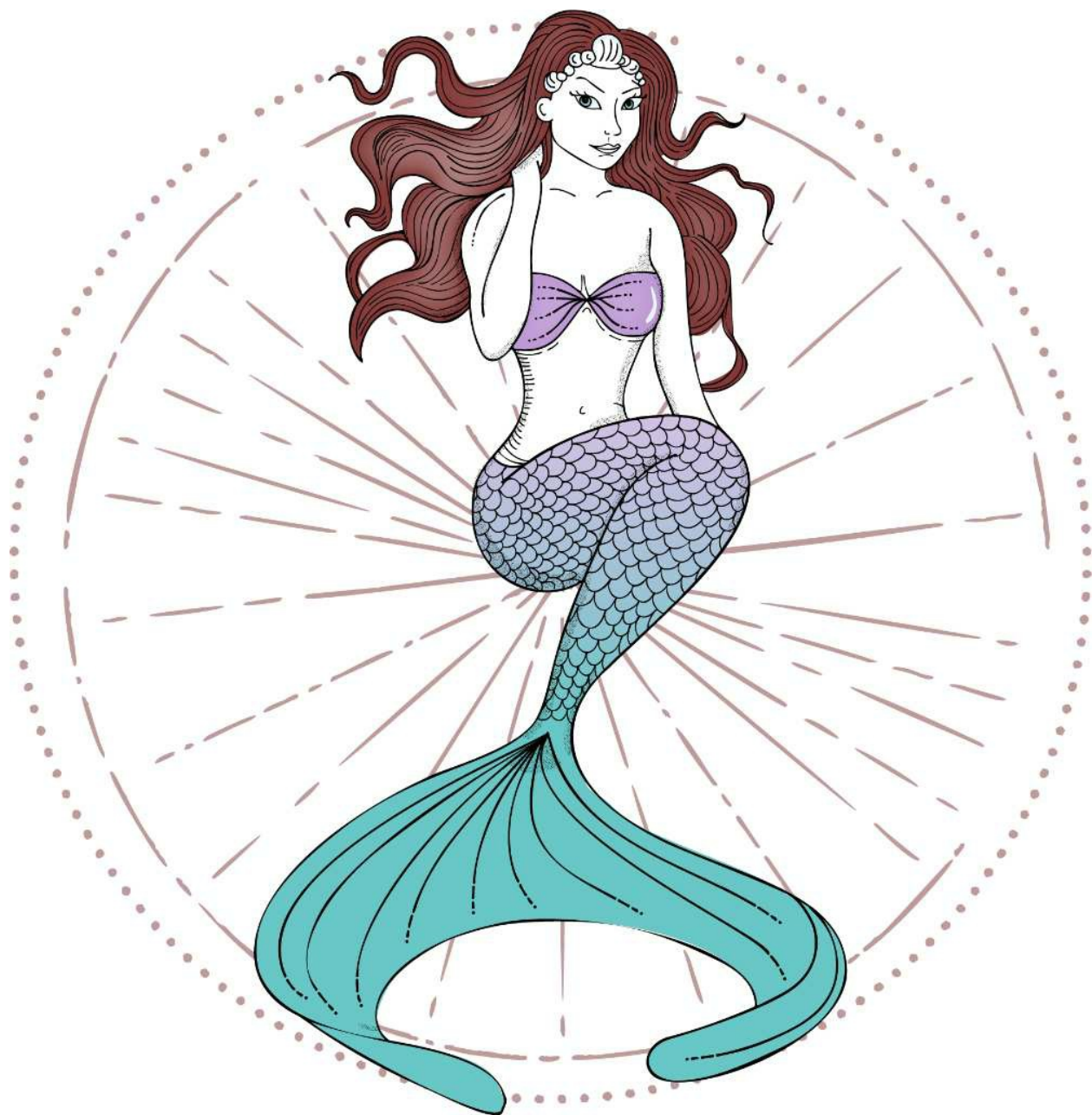
— Kora, isso é...

A irmã sorriu para ela, confirmando a pergunta que sequer chegou a ser feita.

— Ela está conosco. Isso lhe protegerá de todo mal — disse a irmã. — Agora vá, e não olhe para trás.

A sereia nadou para longe, segurando o cordão com toda a força que tinha em sua mão. Liren ainda não sabia como, mas encontraria Eudora e

conseguiria pernas, para se tornar uma humana completa. Por dentro e por fora.



PARTE DOIS

O brilho do oceano começava a diminuir conforme Liren nadava em direção à fenda do pântano. O lugar ficava no mar mais profundo, onde nenhum raio de luz solar chegava. O som do silêncio era ensurdecedor na cabeça da sereia que, cansada, não aguentava mais nadar. *Se o Sr. Muriel me visse nadando agora, com certeza me daria duras críticas*, pensou ela, sentindo falta de casa por um breve momento.

Observou que as águas profundas já não eram azuis, mas sim verdes e escuras. Sua visão começava a falhar enquanto tentava seguir caminho. Lembrou-se dos peixes pedra que sua irmã mencionara — eles deveriam estar por perto. Avistou um pouco ao longe o pântano, cheio de algas amarelas aparentemente podres. Sentia fome, mas não se atrevia a comê-las, sabia que o veneno dos peixes pedra era absorvidos pelas algas, e que poderia morrer se colocasse qualquer uma das folhas na boca.

Para sua surpresa, a concha rocha presente no cordão que recebera de sua irmã começou a brilhar, dando-lhe luz em meio a escuridão que a perseguia no pântano. Pôde encontrar um grande arco de rochas, e junto dele, os peixes que ali guardavam a passagem. Nunca havia visto um peixe pedra pessoalmente, mas acreditava que deveriam ser, de fato, aqueles enormes animais com escamas duras e da cor das rochas ali presentes. Tentou nadar um pouco mais rápido, precisava passar por aquele pesadelo logo.

Os peixes, ao observarem sua chegada, aproximaram-se da pequena sereia, que tremia enquanto se aproximava.

— O que quer aqui? — perguntou o maior dos peixes. Sua voz era grave e potente — Por acaso não sabes que este não é um lugar para sereias? Deves deixar rapidamente nosso pântano!

Liren tentou sorrir, enquanto procurava as palavras certas para falar com os não tão gentis animais.

— Eu preciso chegar ao vale das águas sombrias, senhores — disse ela, sem gaguejar. A própria se surpreendeu com sua coragem naquele momento.

— Vale das águas sombrias? — perguntou um dos outros peixes, com uma voz um pouco mais fina. — Mas só os piores seres marinhos estão lá. Nem nós nos atrevemos a ir até aquele lugar.

— O que procura no vale, Sereia? — O maior dos peixes perguntou, retomando a conversa.

— Tenho assuntos a resolver com a Bruxa do mar, por isso ordeno que liberem a passagem!

Os peixes se entreolharam, um segundo antes de começarem a rir. As gargalhadas altas e assustadoras fizeram Liren vacilar por um momento, sentindo vontade de voltar para casa e se esconder em seu quarto. Contudo, era tarde demais para isso.

— Você, uma mera *sereiazinha* nos ordena? — indagou um dos peixes, em meio aos risos — Como ousa, menina insolente?

Liren sabia que não devia e nem podia utilizar de seu título real, já que havia desistido dele horas atrás. Agora estava sozinha, como a concha em sua mão. Era isso! A concha! *Talvez a concha possa interessar aos peixes, e assim, ganhando o maravilhoso colar, eles liberem minha passagem*, pensou a sereia. Pediu desculpas mentalmente a sua mãe e irmã, por perder o colar de maneira tão imprudente, mas era de sua vida que estava falando. Certamente ambas entenderiam.

— O que acham desse colar? É bonito, não? — Ela esticou o braço,

deixando o colar com a concha brilhante à mostra — Se me deixassem passar, com certeza eu lhes daria este belo colar como recompensa por sua nobreza.

Os peixes se entreolharam, cessando por um momento os risos. Depois de alguns segundos, o maior dos peixes voltou a falar.

— Somos peixes pedra do pântano, sereia. Não precisamos de joias ou de qualquer coisa luminosa. Mas se tiver algo que possa nos entreter e nos tirar do tédio que é vigiar esta passagem, certamente a deixaremos passar!

— De fato, farão isto por mim? — Liren quis confirmar, um pouco cética das palavras dos peixes.

Eles assentiram.

A sereia pensou no que poderia fazer para entretê-los naquele momento. Não havia nada de bonito ou vivo ali que pudesse ajuda-la. Lembrou-se, das aulas da Sra. Nereida, de como era chato ouvir a professora. Eles deveriam se sentir como ela nas aulas, um tédio completo!

— A vida de vocês é monótona, não? — perguntou ela, parecendo interessada.

— Vivemos o dia todo aqui, vigiando e vigiando... — falou um dos menores peixes falou, olhando bem nos olhos de Liren.

— E não tem nem música por aqui?

Os animais se entreolharam novamente, confusos com a pergunta curiosa da pequena sereia.

— Do que falas? O que é essa tal... música? — perguntou um dos peixes, curioso com as palavras da sereia que emanava cor em meio à tanta escuridão.

Liren sorriu, prestes a falar de uma das coisas que mais gostava no fundo do mar.

— Música é algo tão fácil, e ao mesmo tempo tão difícil de explicar. Só sei que invade a minha alma de uma maneira tão forte que consegue tirar toda a tristeza e tédio que há em mim. Consigo até suportar a voz da Sra. Nereida.
— Não conseguiu segurar o riso, junto a uma pontada de tristeza ao lembrar-se de sua casa que já estava tão longe.

— Será que essa sua *música* poderia nos tirar da monotonia em que vivemos?

— Certamente! — A empolgação na fala de Liren era verdadeira. — Escutem bem, essa era uma das músicas que minha mãe cantava para mim todas as noites, antes de dormir. É uma das minhas favoritas.

Os peixes pedra esperavam atentamente, ansiosos do que estava por vir.

Liren fechou os olhos, respirou fundo. Aos poucos abriu os lábios, e de uma forma melodiosa e angelical, cantou:

Ó, pequena sereia que no mar vive, que toda a magia desse lugar te visite. De uma só vez, em uma só voz, que as forças marinhas, estejam com vós.

Prosseguiu com o resto da canção. Esquecendo-se por um momento onde estava e o quanto o veneno dos peixes pedra era perigoso. Pôde sonhar e cantar livremente por breve espaço de tempo.

Sonhe, sonhe bastante, até que não possas mais. Viva, viva feliz, junto dos corais.

Continuou a cantar. Os peixes, maravilhados com a voz e o brilho que da sereia emanava, mal puderam conter a empolgação, nadando de um lado

para o outro, seguindo a melodia da música que se formava a cada nova palavra cantada por Liren.

A Sereia terminou a música, abrindo os olhos. Observou os peixes, que pareciam felizes por sua cantoria.

— E então? É suficiente para a minha passagem de ida? — perguntou, esperançosa.

— Certamente, pequena sereia!

Os peixes se afastaram ao ouvirem as palavras de seu líder, abrindo caminho para Liren. A sereia mal podia acreditar que estava cruzando a fenda do pântano.

Antes de se afastar por completo, acenou agradecendo.

— Liren — disse sorrindo, com toda sua doçura. — Meu nome é Liren. E seguiu seu caminho.

— Obrigado pela sua música, Liren! Boa sorte no vale das águas sombrias! — disse um dos peixes pedra, ao longe. — Vai precisar...

Embora seu corpo ainda tremesse de medo, Liren conseguia respirar novamente. Também sentia uma enorme paz no coração ao ter cantado. Segurou com mais força o colar de sua mãe, e mais uma vez se desculpou por tentar usá-lo como passagem. Sentia-se feliz por ter alegrado os peixes, que embora parecessem maus e assustadores, precisavam apenas de alguma atenção. De fato, eram muito bons! O veneno em seus corpos não fazia jus a nobreza de seus corações.

Balançou a cabeça na tentativa de deixar os pensamentos um pouco de lado, resolvendo focar no que era necessário no momento: o vale das águas sombrias.



A escuridão já não era tão profunda no vale das águas sombrias. Misteriosamente, o lugar do oceano era vivo e diferente do que se imaginava. Havia uma certa luz iluminando todo o ambiente cercado por recifes de corais negros e cinzas, junto de pedras avermelhadas e espinhos marinhos que dificultavam a passagem em direção à Bruxa do mar. A caverna negra que Kora mencionara fora vista por Liren logo na entrada do vale. Suas rochas escuras e extremamente chamativas pareciam estar tão próximas naquele momento, que fazia o coração de Liren acelerar. Ao passar por todos os espinhos e galhos escuros pelo caminho, conseguiu avistar a entrada da caverna soturna. Misteriosamente o local emanava uma luz esverdeada e sombria.

Ouviu, então, algumas vozes a chamando para dentro da caverna. Como em um transe, a pequena sereia seguiu a voz, perdendo totalmente o controle de seu corpo.

A caverna era ainda mais escura por dentro; a luz esverdeada diminuía conforme Liren nadava para dentro do local tenebroso. Depois de adentrar completamente, as vozes que sibilavam em seu ouvido desapareceram, tirando-a do transe. Liren percebeu que já estava dentro da casa da Bruxa,

então a emoção a atingiu, fazendo-a tremer de medo. Embora estivesse assustada, não conseguia conter a curiosidade que sentia.

Viu um amontoado de coisas que conhecia bem — eram dos humanos. Objetos dourados jamais vistos por Liren se misturavam com outras coisas que já conhecia, o que deixou a sereia ainda mais fascinada por tudo que estava em sua frente. Hesitou em pegá-los num primeiro momento, mas a curiosidade falou mais alto. Mesmo não tendo tanta luz, Liren conseguiu desviar do grande caldeirão negro que estava presente no centro do local, borbulhando ferozmente uma gosma esverdeada.

— Chegastes mais cedo do que o esperado, pequena menina — ecoou uma voz rouca de um dos lados da caverna, fazendo todo o corpo de Liren vibrar.

A sereia soltou os objetos que segurava, deixando-os cair no chão, fora do amontoado de em que estavam a pouco.

— Perdoe-me, senhora, eu não queria...

Liren tentou explicar-se, mas foi interrompida pela voz arrepiante, que agora estava mais alta e próxima.

— Não se preocupe — disse a voz, deixando sua silhueta à mostra. — De fato, são coisas sem utilidade para mim no momento.

A dona da voz se afastou das sombras, aproximando-se da luz.

Liren não conseguiu conter as expressões de susto e medo ao ver a Bruxa do mar pessoalmente. Muito se foi ouvido falar sobre a sereia que se escondia no vale das águas sombrias. Mas agora Liren sabia: esses boatos eram verdadeiros.

— Não tenha medo, eu assusto apenas a primeiro momento — sua voz

falhou em meio a uma risada, que trouxe consigo uma tosse cansada.

Eudora, a Bruxa do mar, era realmente assustadora.

Sua pele era verde, com leves escamas mais escuras. O lado direito da cabeça não possuía cabelos, apenas alguns fios negros, junto de manchas amarronzadas. No lugar deles, uma grande cicatriz de queimadura descia até o seu queixo. O cabelo que possuía do outro lado da cabeça era negro e liso, que flutuava como se estivesse em uma dança. Seu olho esquerdo era verde e luminoso, já seu o direito era branco e morto. Possuía dentes pontiagudos como presas, extremamente amarelados. De seu tronco saíam braços longos que terminavam em dedos cheios de ferimentos. As costelas eram aparentes — notava-se que passava fome na caverna, e a magreza já era sua fiel amiga. Mas o que mais assustava, de fato, era que Eudora possuía duas caudas. Ambas de um tom amarronzado, que mesmo sendo no mínimo horripilantes, pareciam trabalhar bem juntas, podendo até fazer o nado da Bruxa não parecer tão incomum. As nadadeiras eram pontudas, como garras, e pareciam ser extremamente cortantes.

— Não estou com medo — mentiu Liren, afastando-se da Bruxa até encostar as mãos no caldeirão.

A mulher sorria, arqueando uma das sobrancelhas.

— Tenha cuidado com o caldeirão. Ainda está um pouco quente. — A Bruxa se aproximou de Liren, mesmo sabendo do medo que a sereia sentia. — Então, o que procuras por aqui?

Liren olhou para os lados procurando as palavras certas para falar.

— Receio que saibas o motivo de minha visita, já que esperavas por mim, não?

— De fato, mas nunca é demais um certo esforço da parte necessitada — respondeu, concentrada na expressão da sereia em meio à escuridão. — Deves me dizer o que procuras nas águas profundas do vale. Este não é lugar para uma Princesa tão delicada. E se está aqui, algo grave deve ter acontecido, meu bem.

Liren assentiu, balançando a cabeça em concordância. Engoliu em seco, preparando-se para falar tudo.

— Está tudo uma grande confusão! Sinto que não me encaixo aqui, que este não é o meu mundo! — pôs um sorriso involuntário no rosto. — Preciso conhecer mais do mundo humano, algo aqui dentro me diz que lá é o meu lugar. Sou como...

— Como *eu*... — completou Eudora. — Seu pai falou de mim mais cedo para você, certo? Marvin nunca concordou com o meu sonho de ser um deles — contou, abaixando os olhos. O sorriso presente antes já não existia. — Ele dizia que era loucura, e que eu morreria se continuasse lá.

Liren estava prestando toda a sua atenção na fala de sua tia, ainda impressionada com o talento da mesma de adivinhação.

— Eu era como você, pequena princesa. Sonhava em desbravar esse mundo com pernas, e com o amor da minha vida. — Parou naquele momento. Parecia levemente triste ao falar do passado. — Foi então que aconteceu um naufrágio. Um objeto muito importante caiu em minhas mãos... uma lâmpada.

— Lâmpada? — repetiu Liren, interessada.

— Sim, uma lâmpada mágica! — A animação da Bruxa ao contar essa parte da história era evidente — Magicamente, tive direito a três desejos. A lâmpada realizaria o que eu quisesse, e assim foi. Desejei ser humana, ter

todo o conhecimento possível de magia e também, por medo do que poderia acontecer no mundo humano, desejei poder amar alguém, beijar um humano sem que nada de ruim acontecesse com ele.

Liren sabia de como o amor de uma sereia poderia ser prejudicial para os seres da terra. A magia de uma sereia era mortal para qualquer humano.

— E o que aconteceu?

— Bem, ao conseguir as pernas que tanto sonhei, nadei até a superfície e encontrei alguém. — Sorriu ao lembrar-se. — Fui muito feliz por algum tempo, mas a magia tem seu preço, assim como o amor. Não demorou muito para o humano descobrir quem eu era, me trair, e tentar roubar a lâmpada mágica de mim. Ele me desprezou completamente, e quis descobrir onde as outras sereias viviam, para retirar toda a magia possível do oceano.

— Ele era um humano terrível... — Liren estava inconformada com o que ouvira, seus olhos azuis, próximos das sobrancelhas mostravam sua revolta.

Eudora concordou.

— Eu precisava pará-lo. Então, resolvi usar minha magia para impedir que adentrasse no oceano junto dos outros homens da aldeia. Com minha magia, provoquei um terrível incêndio que tomou conta das embarcações, o que resultou na morte de muitas pessoas inocentes. Ao perceber que aquele mundo não era para mim, tentei reverter os desejos, fazendo alguns feitiços, mas não foi suficiente — contou ela, com a voz mais elevada. Começava a se agitar ao lembrar de sua história. — Antes que eu conseguisse ao menos pular na água, o homem terrível me puxou para dentro do fogo, desfigurando-me completamente.

— E então?

— Por sorte, Marvin, seu pai, conseguiu me tirar das chamas com a sua magia. Embora eu tentasse ao máximo voltar a ser quem eu era, não conseguia. Com muito esforço, meu irmão conseguiu fazer com que eu vivesse como um ser marinho outra vez, mas eu já não era uma sereia comum. Sua força foi tanta, que ele perdeu parte da nadadeira na tentativa de me devolver às águas que um dia desprezei. Por anos tentei encontrar algum feitiço que devolvesse a minha aparência antiga, mas este é o resultado de todas as minhas tentativas — disse, mostrando seu corpo.

Liren sentiu uma certa tristeza ao ouvir as palavras de Eudora. Também conseguiu, pela primeira vez, ver o pai com outros olhos, e entender o motivo de sua repulsa por seres humanos.

— Como castigo, decidi viver para sempre nesta caverna, com essa aparência — disse ela, observando suas mãos. — Seu pai quis me levar para o palácio das pérolas, mas eu não aceitei. Prefiro que me vejam como uma terrível Bruxa a encarar toda uma sociedade que certamente me detestaria.

Aos poucos, Liren se aproximou de Eudora, que não se mostrava arisca.

— Perdoe-me se te olhei com esses olhos. Vejo, agora, que seu coração é, de fato, lindo. Esta beleza é incomparável. — Sua voz doce ecoou como melodia nos ouvidos cansados e tristes de Eudora.

— O mundo lá em cima só te engana, Liren. Nada de bom pode vir de lá. — Eudora falava com certo rancor e decepção sobre a superfície. — Os homens arrancarão seu coração, e o comerão da forma mais cruel possível. Por isso, se queres um conselho, recomendo que não vá até lá.

Liren queria poder sentir vontade de voltar para casa naquele momento. Queria poder se sentir bem como Sereia, e confortável com a cauda que era

dela, queria poder respirar levemente na água, mas nada disso era possível. A história de sua tia era muito triste, mas ainda assim, seu sonho de ser humana, não morreu. Acreditava que, da mesma forma que existiam seres bons e maus na água, existam humanos bons e maus na superfície. Saberia diferenciá-los.

— Eu preciso correr o risco, Eudora — disse ela, erguendo a cabeça, determinada. — Ainda tens a lâmpada de que falastes?

A Bruxa do mar negou com a cabeça.

— Infelizmente a lâmpada se perdeu de mim, junto de um espelho pelo qual eu tinha grande apresso. Mas, se o seu desejo é tão grande assim, talvez possa lhe ajudar.

Eudora nadou até uma prateleira de pedra que sustentava alguns frascos com líquidos de diferentes cores. Apontou o dedo, na tentativa de achar algo, e ao encontrar, se mostrou feliz.

— Aqui está! — disse ela, nadando de volta para o centro da caverna onde Liren a esperava. — Com os poderes que adquiri, consegui criar uma poção que pode, de fato, transformá-la em humana por apenas três dias.

Três dias seriam ótimos para que Liren pudesse ao menos conhecer o mundo que tanto sonhava, mas sabia que não seria suficiente. Precisava de algo que a tornasse humana para todo o sempre.

— Apenas três dias? Não existe nada permanente? — perguntou a sereia, esperançosa por uma resposta positiva.

Eudora limpou a garganta, observado o frasco com o líquido verde mucoso.

— Existe uma forma de se tornar uma humana permanentemente, mas receio de que não será de seu apresso — disse, sorrindo no canto do rosto.

— Oh, diga-me, por favor! Farei o que for preciso para tornar-me humana e me livrar dessas águas. — Liren parecia desesperada naquele momento, como se sua vida dependesse disso.

— A única forma de se tornar humana, é tendo a vida de um humano verdadeiro em suas mãos. — Eudora falou num tom seco. — Deves matar um humano, arrancando-lhe seu coração. Ou de uma forma mais difícil: recebendo dele um beijo de amor verdadeiro. — O silêncio na caverna foi profundo. — Um beijo de Sereia pode matar um humano instantaneamente, e com toda certeza será menos cruel que arrancar o coração dele fora, não acha?

Liren não estava contente com o que ouvira. Como poderia tirar o direito de alguém de viver? Essa era a sua única saída? O que poderia fazer para mudar isso? Estava apreensiva, sua mente num turbilhão. Lembrou-se, rapidamente, da lâmpada mágica mencionada por Eudora. *Se eu conseguir encontrar a lâmpada, poderei desejar me tornar humana e não matar ninguém, preciso apenas encontra-la em três dias*, pensou a sereia. Seu plano tinha fundamento, e poderia funcionar, se ela tentasse. Por que não? O que de pior poderia acontecer?

— E se eu não matar o humano, o que acontecerá comigo? — perguntou, apreensiva.

— Não terá um grande futuro pela frente, menina — respondeu a Bruxa, aproximando o frasco do caldeirão. — Se não conseguires matar o humano de nenhuma das duas formas, será transformada em espuma do mar, e sumirá com as ondas para sempre.

Sumir para sempre queria dizer morrer, certo? Perguntou-se, analisando todas as possibilidades. Ao constatar que preferia morrer a ter que

viver naquele oceano para sempre, resolveu correr o risco. Era a sua única chance de realizar o sonho. Se sua vida corresse risco, que assim fosse!

— Se não há outra forma, eu aceito! — disse a sereia, respirando fundo — O que devo fazer?

A Bruxa do mar não parecia muito contente com as palavras corajosas de Liren. Na realidade, parecia assustada.

— Deves me dar o que tens de mais precioso em ti... sua voz — falou a Bruxa, apontando para o pescoço da jovem. — A voz de uma Sereia é a coisa mais preciosa ela possui, e devo dizer que sua voz é a mais bela que já ouvi.

Como poderia viver num mundo sem voz? Parecia que as dificuldades aumentavam a cada segundo que se passava. Não imaginava viver para sempre sem voz, era como um pesadelo.

— Se conseguir se tornar humana para sempre, sua voz lhe será devolvida. Mas, por ora, é o preço que a magia cobra pelas pernas, querida. E então? Temos um trato?

Liren já estava arriscando sua vida, que diferença faria ter sua voz naquele momento? Não deixaria o seu sonho morrer por isso. Era tudo o que tinha naquele momento, seu sonho.

A pequena sereia concordou, balançando a cabeça.

— Muito bem, querida. — Eudora abriu o frasco, derramando o líquido dentro do caldeirão — Agora, deves cantar para que eu possa retirar toda a sua voz. Cante, minha sereia, cante!

Liren fechou os olhos, querendo chorar. Não imaginava como seria sua vida a partir de agora, mas sabia que deveria tentar mesmo que isso custasse sua voz.

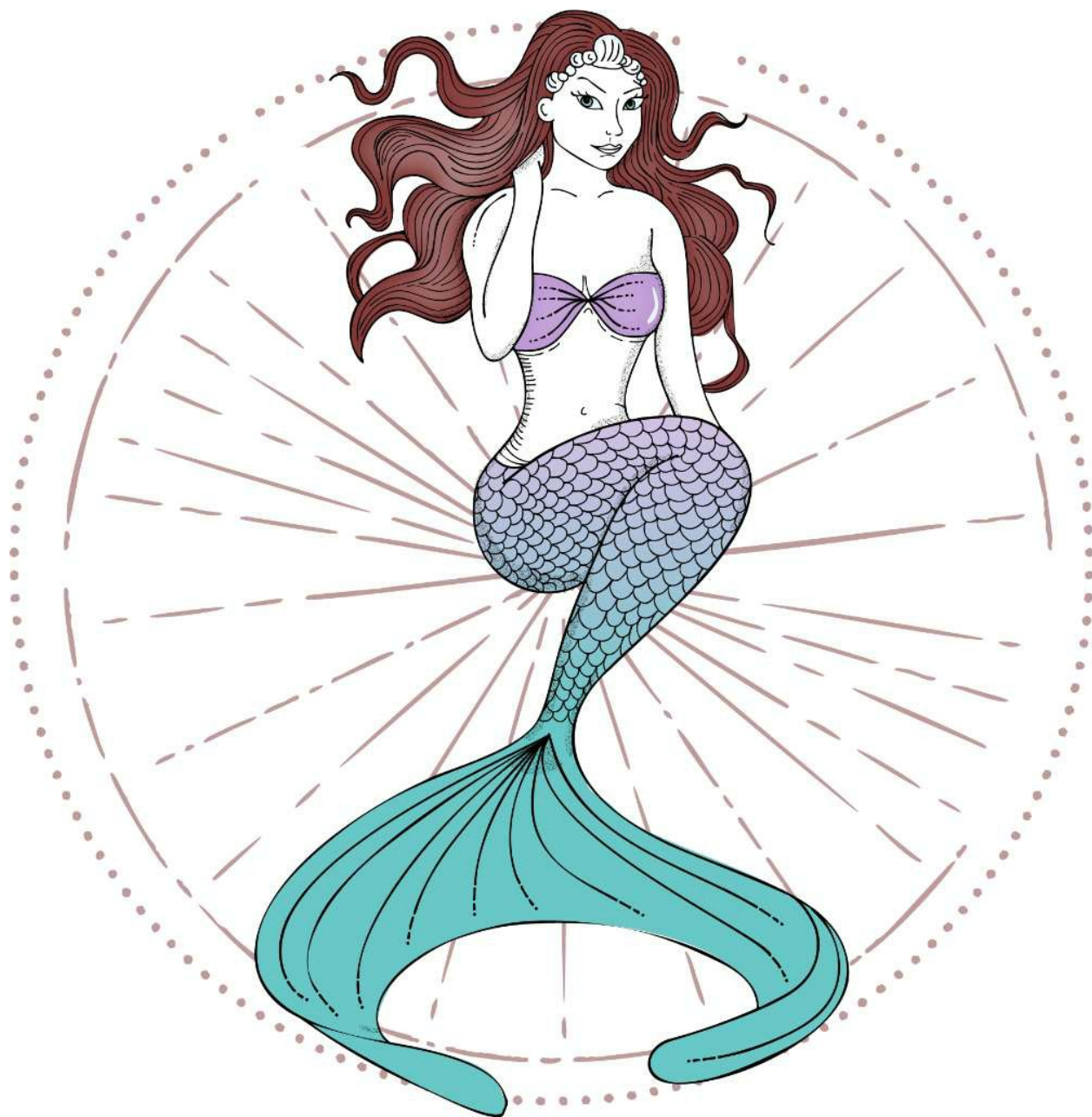
A sereia cantou.

Emitiu as mais lindas firulas e arranjos em uma bela música. Liren sentiu toda a sua voz se desprender da garganta e passar por todo o seu corpo. A voz ecoava no mar, fazendo as ondas pararem para ouvir a última canção da sereia, que deixava de iluminar todas as sombras a sua volta. Sentiu quando a última nota percorreu por seus lábios, finalizando assim a canção, e dando lugar ao silêncio.

— O feitiço está feito! — gritou a Bruxa.

O caldeirão começou a borbulhar, fazendo o líquido se movimentar de maneira demoníaca, cirandando por todos os lados. A gosma esverdeada desprende-se do objeto, indo em direção à Liren, criando um pequeno furacão ao redor de seu corpo. Eudora conduzia os passos do feitiço com suas mãos. Liren via apenas as águas verdes perfurando seu corpo, ouvia o barulho de sua calda sendo rasgada ao meio.

Tudo se escureceu. Já não via ou ouvia mais nada.



PARTE TRÊS

Edwin caminhava pela praia junto de Octavius, seu cão e fiel companheiro de pelos cinza. Suas calças azuis estavam dobradas até o joelho; pés descalços, para sentir a areia fofa e quente da praia. Usando uma camisa branca levemente transparente, movimentava-se junto da brisa da manhã. Possuía cabelos castanhos e ondulados que caíam em seus olhos, dificultando a visão.

Fazia tempo desde a última vez que pôde caminhar sem quaisquer problemas ou agitações. Desde que tomou posse da coroa, e se tornou Príncipe regente, quando seu pai morrera, não teve um dia sequer de descanso. Aquele era um momento raro. Pôde respirar sem preocupações, ouvir as ondas que se chocavam contra a terra firme, assim como quando era menor. Precisava aproveitar o máximo possível, sabia que quando Sedrick viesse chama-lo, seus minutos de paz terminariam.

Caminhou por mais alguns metros, até algo chamar sua atenção. Vinha da fortaleza de rochas, e os latidos de Octavius apenas confirmaram suas suspeitas de algo estranho se movimentando por entre as pedras. Deixou o cão ir na frente, abrindo caminho. Octavius era um ótimo farejador e protetor, sabia que estava seguro com seu amigo de quatro patas. O cão correu, seu corpo praticamente voava no ar, enquanto se aproximava das rochas escuras cinzentas, que seguravam os furiosos socos das ondas do mar. Edwin viu o cão sumir por entre as rochas, até ouvir o seu latido, marcando seu território. O Príncipe correu em direção à fortaleza, e para sua surpresa, a *coisa estranha*, era uma garota. Os cabelos de um vermelho tão intenso quanto o sangue irradiava em meio às rochas, observou bem os lábios carnudos e as curvas acentuadas na pele bronzeada e levemente dourada da jovem que permanecia com os olhos fechados.

A garota estava molhada, os pingos escorriam por seu corpo, e a areia continuava impregnada em seus braços. Embora não conseguisse ver os olhos da donzela, sabia que eram tão lindos quanto todo o resto. O Príncipe afastou o cão, que lambia o rosto da garota desacordada.

— Como você veio parar aqui? — perguntou ele, sem esperar nenhuma resposta.

Estava coberta por um pequeno tecido branco da vela de algum barco qualquer. Em seu pescoço repousava um colar. Espantado com o estado da pobre menina desacordada, resolvera ajuda-la, tentando ao máximo não retirar o tecido da vela de seu corpo enquanto a carregava.

— Não posso deixa-la aqui, certo, amigão? — Edwin olhou para Octavius, que parecia realmente entendê-lo, enquanto babava com a língua para fora.

Recebera um latido forte como resposta. Não podia perder tempo, ela precisava de ajuda.



Liren ouviu alguns ruídos próximos. Sua mente acordara antes de seus olhos, fazendo-a pensar por algum tempo, antes de confirmar o que esperava.

Abriu as pálpebras lentamente, deixando a luz do dia adentrar. Sentiu dor no corpo todo, mas algo extremamente macio e sedoso diminuía o desconforto. Observou ao redor, na tentativa de descobrir onde estava. Sentia-se estranha, e com um esquisito gosto salgado em sua boca. Olhou para o corpo, percebendo que usava algo parecido com o que algumas das mulheres da aldeia que observava usavam. Lembrava-se bem do nome daquilo — vestido. Já encontrara um vestido certa vez, mas não conseguia colocá-lo em seu corpo, a cauda sempre dava um jeito de atrapalhá-la. *A cauda!* Lembrou-se dela. Retirou, então, um tecido cor-de-pérola que cobria seu corpo.

Sentiu seu coração parar por um momento. A cauda não estava lá. Ela não estava lá, de fato. Em seu lugar habitava um par de pernas, com pés, dedos, unhas e tudo o que tinha direito. Liren agora era humana, por dentro e por fora. Queria gritar de felicidade, cantar de alegria, e agradecer à Eudora com belas palavras, mas lembrara antes de fazer tal coisa que sua voz já não estava com ela, e muito menos lhe pertencia. Lembrou-se do contrato que firmara, e de que tinha alguns objetivos na terra firme.

Mesmo sem sua voz, e conseqüentemente, uma leve tristeza em seu coração, Liren estava feliz. Podia andar, correr, dançar, e fazer tudo como os humanos. Agora, ela não precisava mais da água para respirar, e isso era fantástico!

Sua alegria foi interrompida pela entrada repentina de alguém. Apressadamente, Liren escondeu-se embaixo do tecido que lhe cobria, ficando no total breu, enquanto ouvia passos em sua direção. Um riso baixo também foi ouvido, junto de uma respiração mais alta.

— Sei que está acordada. — A voz era grossa, máscula, forte. Mas ao mesmo tempo também era doce e suave. — Poderia me dar a honra de vê-la? — perguntou a voz, fazendo Liren hesitar. — Te encontrei desmaiada próxima

ao mar... O que diabos aconteceu com você? — Seu tom pareceu triste e levemente preocupado no fim da pergunta, chamando a atenção de Liren.

Levemente, a garota abaixou o tecido, deixando parte de seus cabelos e olhos à mostra.

Observou, então, que se tratava de um rapaz. Seus olhos eram de um verde profundo e hipnotizante. Seus cabelos, um pouco longos e ondulados traziam alguns tons de castanho e dourado nos fios. Liren nunca havia visto roupas como as dele antes, eram diferentes e mais bonitas. Mas o que mais lhe chamou atenção no rapaz foi o seu sorriso. Seu rosto se iluminou ao ver os olhos do rapaz quase fechados ao abrir um grande sorriso. O que era aquilo? Por que ela observou o sorriso dele? E o que estava acontecendo com o seu coração? Por que batia tão rápido? Liren se perguntava, sem fazer nenhum intervalo entre uma pergunta e outra.

— Sabia que seus olhos eram tão bonitos quanto o resto! — disse ele, apontando para os olhos azuis de Liren. Percebeu que se exaltara no entusiasmo, e tentou recobrar a compostura a partir de uma leve tossida — Hm, quero dizer... Tens belos *olhos*.

Liren devolveu o sorriso, corando e escondendo o rosto novamente.

— Oh! Ficaste envergonhada, certo? Peço-lhe desculpas se fui um tolo... Geralmente não sou assim, é só que... — O príncipe também começava a se envergonhar da forma que estava falando. — Perdoe-me, por favor.

Liren respirou fundo, retirando mais uma vez o tecido do rosto, e deixando-o completamente à vista. Acomodou-se melhor na cama, e pôde encarar o rapaz, finalmente.

— Eu me chamo Edwin, é um prazer conhecê-la. — Ele estendeu a mão, segurando aquele sorriso que fazia seus olhos quase se fecharem.

Liren não sabia o que fazer. Por que ele estendeu a mão para ela? O que deveria fazer com aquela mão? Pensou rápido, e sem muito esforço levantou o pé esquerdo, fazendo-o tocar na mão de Edwin. Ainda não sabia como utilizar as pernas, mas pôde sentir como era movimentá-las, e foi maravilhoso.

Assustado com o que a menina fizera, Edwin afastou sua mão, segurando-a com a outra, e soltou uma gargalhada.

— Você é mesmo peculiar, donzela. — Ele voltou o olhar para Liren — Agora diga-me, qual o seu nome?

Liren abriu a boca, na tentativa de dizer seu nome, mas a sua voz não estava mais ali. Esquecera por um momento de seu acordo com a Bruxa do Mar — não podia mais falar. Balançou a cabeça em negação, deixando o rapaz de pele bronzeada ainda mais curioso.

— Não quer me dizer seu nome? — perguntou ele, aproximando-se um pouco de Liren.

A garota de cabelos vermelhos balançou a cabeça novamente, em negação. Sabia que sua forma de explicar não estava ajudando, pensou por alguns segundos, enquanto encarava a expressão de dúvida no rosto do rapaz, que esperava por uma resposta. Elevou, então, o dedo indicador até a boca, e depois balançou a cabeça, tentando mostrar que não havia voz ali.

Edwin tentava entender o que a jovem garota tentava lhe dizer.

— Espere... Quer dizer que... Você não pode falar? É isto?

Os olhos de Liren se abriram, junto de um grande sorriso. Rapidamente, a garota balançou a cabeça, afirmando que não podia falar. Seu estranho entusiasmo para explicar algo tão ruim a confundiu por um

momento, mas estava feliz por ter sido entendida. Talvez não fosse tão difícil assim falar sem sua voz.

— Então, não pode falar — disse ele. — Entendi.

A conversa foi interrompida por leves batidas na porta. Edwin se virou observando a porta, que se abriu após o seu aval. Um homem de cabelos grisalhos jogados para trás das orelhas entrou no quarto. Usava um terno azul marinho e um pomposo lenço avermelhado no meio do colarinho. Caminhou lentamente, como se seus passos seguissem o barulho das águas. Antes que pudesse falar algo, respirou fundo.

— Vossa Alteza, seu primo o aguarda no salão principal — anunciou, com as mãos apoiadas no busto.

Edwin levantou-se da cama, se recompondo, mas sem tirar os olhos da menina, que permanecia assustada.

— Sinto muito, preciso sair por agora — falou, com um pequeno sorriso no rosto. — Creio que poderemos nos ver mais tarde. Alguma das criadas lhe trará vestidos e sapatos para que possa sair deste quarto.

Liren não sabia como agir. Embora conhecesse algumas daquelas palavras, não tinha certeza se entendia tudo o que lhe era dito, mas por via das dúvidas achou melhor balançar a cabeça em concordância, mantendo seus olhos abertos e assustados.



Observava o mar da janela do quarto enquanto uma jovem mulher de estatura baixa penteava seus cabelos rubros. Finalmente estava usando um vestido, como sempre sonhou. Era amarelo, com mangas bufantes e uma longa e armada saia, que dificultava o andar de seus pés ainda em treinamento. Estranhamente, Liren não demorou muito para se acostumar com as pernas, parecia que sempre as tivera ali. Estava se sentindo completa.

Lembrava-se das palavras da Bruxa do mar, sabia que deveria encontrar a lâmpada mágica para despertar o gênio, se não quisesse matar um humano. Ainda não tinha um plano muito bem articulado, mas precisava encontra-la de qualquer jeito.

— Pronto, senhorita! Oh, o seu cabelo é tão bonito! — A criada finalizava o penteado, enquanto a observava. — A cor é tão diferente... Nunca vi algo assim!

Por um momento, Liren lembrou de sua casa. Lembrou-se de como Kora penteava seus cabelos rubros, das diferentes cores presentes no fundo do mar. Sentia até falta de seu pai, com sua voz imponente. Contudo, o sentimento de saudade passou rápido ao lembrar-se dele. A jovem olhou para a criada de cabelos escuros e olhos castanhos, e apenas sorriu, agradecendo

pelo elogio.

— Dizem pelo palácio que a senhorita não pode falar – contou a mulher. — Acredito que seja verdade, mas a senhorita pode me ouvir?

Liren balançou a cabeça rapidamente, em concordância.

— Ah, isso é um alívio! — exclamou, mostrando interesse na conversa. — As pessoas que não podem falar aqui no reino, também não podem ouvir. É tão triste.

A Sereia, que agora era humana, imaginava como seria mais difícil se não pudesse ouvir todos ao seu redor também. Sentia-se sortuda naquele momento, e mais forte para lutar por sua vida. A conversa das duas foi interrompida pelo mesmo homem de cabelos grisalhos que entrara no quarto mais cedo. Sua pose séria com passos lentos continuava igual.

— Com licença, senhorita — disse ele, com a voz meio rouca. — Vossa Alteza, o Príncipe Edwin requisita sua presença no salão de jantar, para que possa se alimentar e conhecer o nosso palácio.

Liren olhou para a criada, que continuava próxima, mostrando um sorriso de felicidade. Seguiu em direção ao homem, e partiu junto dele, descendo as escadas do quarto, com certa dificuldade ainda. Precisava se acostumar mais com as pernas. Seus olhos estavam fixos a cada degrau que descia, perdendo assim a bela visão do palácio, que era amarelo e cheio de janelas de vidro, dando uma bela visão da paisagem marítima para quem visse por elas. Os candelabros dourados e transparentes eram decorados com pérolas enormes, deixando o espaço ainda mais agradável. Um grande tapete azul marinho com arabescos dourados cobria os degraus da escada.

Voltou seu olhar para frente após descer o último degrau. Percebeu então, que segurava fortemente no braço do homem, que apenas lhe

respondeu com um sorriso a primeiro momento.

— Vejo que a senhorita está um pouco... assustada, certo? — Ele não esperou uma resposta, e prosseguiu a falar. — Chamo-me Sedrick, sou o Grão-Duque e também ex-Tutor de Edwin.

Liren não sabia o que aquelas palavras significavam, mas prestava atenção no que Sedrick dizia, que parecia ser mais amigável naquele momento, deixando um pouco de lado a postura séria.

— Quando os pais de Edwin morreram num naufrágio, me tornei o responsável por ele e pelo reino de Ydróvia. Agora, ele já é um homem adulto e pronto para governar todo esse vasto lugar sozinho — prosseguiu, com um tom de orgulho e satisfação por todo o trabalho que tivera na educação de Edwin. — Seu coração é muito bom, uma prova disto é a senhorita estar aqui.

Liren não conseguia imaginar como seria duro para todas as pessoas do reino se Edwin morresse. Percebia o quão bom ele era, e seria o pior dos pecados se o matasse para poder sobreviver. Precisava encontrar a lâmpada mágica o quanto antes.

Ao entrar no salão decorado com enormes cortinas azuis e uma grande mesa com diferentes tipos de pratos, Sedrick se recompôs, tirando o sorriso do rosto que lhe acompanhara por todo o percurso. Sua expressão ficou séria antes de começar a falar.

— Vossa Alteza, aqui está a jovem que requisitaste — disse ele, dando espaço para que Liren entrasse no salão.

Edwin os esperava numa enorme sala, com grandes lustres no teto, que iluminavam o espaço, deixando-o mais aconchegante. Junto do Príncipe estavam mais duas pessoas a mesa. Um homem alto, de cabelos castanhos e

olhos claros que usava um traje real, mas não possuía coroa. Acompanhado dele, uma bela mulher de olhos violetas, que contrastavam bem cabelos loiros e longos. Usava um vestido negro e justo, deixando suas curvas à mostra.

Os olhos de Edwin brilharam ao ver a jovem. Ele a observou por completo, já não estava parecendo a menina assustada, escondida por entre os cobertores que vira mais cedo. Liren andava com dificuldade, mas mostrava classe a cada passo lento que dava. Observou bem o andar do Grão-Duque.

— Muito obrigado, Sedrick! — disse o Príncipe, com um grande sorriso de satisfação. — Vamos, sente-se conosco. Meu primo estava contando um pouco sobre Adara, sua filha. Ela já tem doze anos.

— O tempo passa rápido, não, Majestade? — perguntou Sedrick, ao se sentar. — Lembro-me de vê-la correndo pela praia quando menor. Deve estar uma bela moça, de fato.

— É a mais bela de todas! — disse o homem que usava um colete azul e uma camisa branca bufante.

— Que exagero, querido. — A mulher sorriu, segurando na mão do homem. — Ela é apenas uma criança comum, como qualquer outra.

Edwin não parava de olhar para a jovem que encontrara mais cedo. Ainda nem sabia o seu nome, mas já era muito especial para ele. A observou deslocada, enquanto todos conversavam a mesa.

— Onde estão meus modos? Deixe-me apresentar... — Ele não concluiu a frase no momento. Foi em direção à jovem, que estava com o olhar fixo na janela de vidro, onde podia ver o mar ao fundo. — Este é o Rei Frederich, meu primo. — O homem abriu um pequeno sorriso, curvando rapidamente a cabeça para a jovem, que parecia assustada. — E junto dele, sua esposa, a Rainha Raven. Eles governam o reino de Akantha. — Raven

arqueou uma das sobrancelhas, seu olhar violeta ia em direção à Liren, deixando-a levemente desconfortável.

— E qual é o nome da jovem? — perguntou Raven. — És muito bonita, debes ter uma bela voz, também.

Liren curvou a cabeça. Estava envergonhada por não poder sequer dizer seu nome.

— Ela não fala — disse Edwin, tomando as rédeas da conversa. — Eu a encontrei desmaiada perto do mar, não sabemos nada sobre ela.

— Deve ter vindo de um naufrágio das Ilhas do Sul — supôs Rei Frederich. — Mesmo assim, é um prazer conhecê-la, senhorita.

Liren abriu um sorriso em concordância. O Rei parecia ser, de fato, um bom homem, diferente de sua mulher, que causava calafrios nela.

Depois das apresentações, todos seguiram para o jantar. O coração da sereia batia rápido, ela não sabia o que fazer com tantos objetos prateados e pontiagudos em sua frente. Reconheceu o garfo, uma das únicas coisas dali que havia visto e tocado antes. Prestou bem atenção em como todos manuseavam os objetos antes que pudesse imitá-los, o que não deu muito certo. Ao retirar a tampa que cobria o prato, assustou-se ao ver um enorme peixe junto de camarões e patas de caranguejo decorando a louça branca. Levantou-se às pressas, assustada. As lágrimas em seus olhos escorreram antes que pudesse controlá-las. Todos voltaram o olhar para ela, que não sabia reagir.

— Está tudo bem? — perguntou Edwin, percebendo a agitação da jovem.

Liren não expressou nenhuma reação em resposta ao Príncipe, apenas

correu para fora do salão, deixando a cadeira cair no chão.



Depois de correr pelo palácio e se perder algumas vezes, Liren encontrou uma porta que dava para uma varanda de pedra. Observou o céu alaranjado, o dia começava a se esvaír. Foi tão rápido. Sentiu o vento frio e úmido e a maresia que envolvia seus cabelos, desfazendo o penteado feito mais cedo. Ouvia o barulho do mar, e finalmente se sentia reconectada com ela mesma. Não entendia como os humanos podiam comer os animais, que crueldade tirá-los do mar e transformá-los em alimento! Percebia, pela primeira vez, que o mundo humano não era perfeito como imaginava. Não que estivesse arrependida por se tornar humana, ainda continuava sendo o seu maior sonho, porém estava decepcionada com o que vira.

— Olá? — ouviu a voz de Edwin. Seus passos ficaram mais altos e próximos, fazendo com que o corpo de Liren tremesse. — O que aconteceu? Está tudo bem?

Ela balançou a cabeça em concordância, sem expressar nenhuma emoção.

— Parece chateada... Eu fiz alguma coisa errada? — Ele parecia estar

realmente preocupado, mas sua expressão logo mudou, junto de um riso solto. — Que tolo sou! Você não tem como me explicar, certo?

Liren virou-se para ele. Olhou bem em seus olhos, e apenas o observou, sem expressar nada a mais. Seus olhos falavam tanto, enquanto nenhum som saía de sua boca. O riso presente nos lábios de Edwin sumiram, ele só conseguia olhar para Liren, que se afastava dele.

— Você é uma incógnita — disse ele.

Liren não sabia o que aquela palavra significava. Percebera que Edwin tinha um vocabulário mais diferente, comparado ao vocabulário dos aldeões e marinheiros que conversavam perto das rochas em que ela se escondia. Talvez por ser príncipe, seu porte era outro. Nunca havia visto alguém da realeza como ele, tão doce e gentil. Imaginava-se contando para Kora sobre ele, e o quanto ela ficaria preocupada com as aventuras que Liren estaria tendo junto ao Príncipe.

— O que acha de amanhã passearmos pelo reino? Creio que vai gostar de conhecer os locais mais bonitos da minha terra, talvez te eu consiga encontrar alguma pista de onde você surgiu — convidou ele.

Era tudo o que Liren queria. Balançou a cabeça com uma agilidade contagiante, segurou em suas mãos sem perceber, fazendo com que o olhar de Edwin se voltasse para as mãos geladas e levemente bronzeadas da jovem. Ele esboçou um pequeno sorriso, mesmo mostrando-se surpreso com a cena.

— Então está decidido! Amanhã te levarei para conhecer o meu mundo — afirmou ele, parecendo entusiasmado com a ideia. — Vou pedir para que Sedrick leve algo sem frutos do mar para o seu quarto. Receio que não gostou muito deles, certo?

O sorriso de Liren diminuiu um pouco, mas ainda continuava ali.

Estava feliz por começar a ser entendida por meio de seus gestos — mesmo eles sendo um tanto grosseiros.

— Atrapalho? — uma voz conhecida foi ouvida. Voz essa que fez todo o corpo de Liren estremecer.

Raven caminhou em direção aos dois, que a aguardavam em um ponto da varanda.

— Deseja alguma coisa, Majestade? — perguntou Edwin, mostrando respeito em suas palavras.

Ele sabia que Raven não era de uma linhagem real e que havia casado com seu primo há pouco tempo, mas ainda assim seguia o protocolo correto de tratamento para uma Rainha.

Raven riu educadamente, elevando a mão à boca.

— Não se preocupe, querido — o tranquilizou, falando lentamente, com sua voz envolvente e levemente aveludada. — Preciso apenas de ar fresco. Não é sempre que posso sentir a brisa do mar em meu rosto.

— Creio que o vento de Akantha também seja muito agradável.

— Digamos que é muito... florestal — disse ela, arqueando uma das sobrancelhas e elevando a mão direta a boca, na tentativa de esconder o riso que se formava. — A propósito, deve-nos uma visita.

Edwin concordou com a cabeça.

— Faz muito tempo que não vou lá. Desde a morte da Rainha... — não concluiu a frase ao perceber a expressão de Raven. Sabia que ela não ficava confortável ao ouvir falar da falecida Rainha, mãe da herdeira do trono. — Digo, devo visita-los em breve, de fato.

Um sorriso amarelo estampou o rosto de Raven, que não parecia contente com o rumo que a conversa estava levando.

— Deve ir com sua futura esposa, quando casarem — disse ela, com um olhar malicioso. — Soube que ela é uma bela jovem.

O Príncipe olhou rapidamente para Liren, que voltara a observar o mar ao longe, sem escutar as palavras de ditas por Raven.

— Receio que meu primo está sozinho, devo acompanhá-lo numa bebida — limpou a garganta. — Fique à vontade, Majestade — disse ele, se afastando, enquanto seu olhar continuava na jovem de cabelos vermelhos.

Ao perceber que estava sozinha com a Rainha soturna, o corpo de Liren estremeceu, como da vez que um tubarão a seguiu fora dos arredores do reino. Sentiu como se a morte estivesse próxima, quase sugando sua alma por meio das enormes presas do animal. Sentia a mesma coisa com a Rainha, como se ela a sugasse. Encostou o corpo na meia parede de pedras que davam para fora do palácio. Podia sentir a vibração das pedras quando as ondas violentas se chocavam na murada do palácio. Ouviu o passos de Raven em sua direção, seus sapatos eram, de fato, barulhentos, marcando bem sua presença.

— É um belo lugar, não? — perguntou ela, observando Liren. — Creio que também gosta daqui.

Liren esboçou um pequeno sorriso, semicerrando os olhos ao mesmo tempo.

— Sinto cheio de magia de longe, sabia? — Ela arqueou uma sobrancelha. — E essa é uma das boas.

Os olhos da Sereia voltaram-se para a expressão demoníaca da mulher.

Seu coração começou a bater mais rápido, fazendo-a suar frio, enquanto imaginava as terríveis coisas que a Rainha poderia fazer com ela. O que, de fato, seria ela? Estava duvidando que fosse realmente humana.

— Calma, pequena criança, não pretendo te fazer mal algum. — A voz parecia ecoar dentro da mente de Liren. — O feitiço utilizado foi extremamente poderoso, não?

Liren não sabia o que fazer, seus músculos se contorciam por dentro, o nervosismo escorria por cada partícula de seu ser, como se fosse ondas agitadas. Tentou se esquivar da Rainha, afastando-se para trás, mas sentiu a mão quente e magra da mulher em seu ombro. Raven olhava bem para Liren, seus olhos violetas haviam ganhado uma coloração mais brilhante e intensa, o sorriso em sua boca era assustador.

— Você veio de lá, não é? — apontou para o mar agitado. — Posso sentir. Se tornou humana com um feitiço que logo perderá efeito.

Como ela poderia saber disso? Além de ser Rainha, ela também era vidente? Não parecia ser possível.

— Não se assuste, está tudo bem! — Raven acariciou de leve o rosto de Liren, encostando suas unhas negras e longas pela pele fria da sereia. — Você tem muita magia aí dentro... É como uma refeição completa! — riu ela, baixinho. — Procura pela magia do Gênio da lâmpada mágica, não é?

Liren olhava assustada para a mulher em sua frente, seu jeito assustador era o suficiente para fazer todo o corpo da garota tremer de medo.

— Pelo seu jeito, posso confirmar que é isso — concluiu ela, com um sorriso malicioso. — Também desejo essa lâmpada. Dizem que um ladrão foi transformado num Príncipe em um dos reinos do Oriente. Já procurei tanto por essa lâmpada, mas nunca a encontrei. Muitos afirmam que ela está

perdida por aqui, será verdade? — perguntou a Rainha, com um tom debochado. — Creio que está tão curiosa quanto eu para saber a resposta.

O vento ficou mais forte, fazendo com que o penteado de Liren fosse totalmente destruído, soltando assim, todos os fios vermelhos presos.

— Se encontrar algo, me avise... Basta pensar em mim, que saberei o que quer dizer — explicou a Rainha, falando lentamente. — Se encontrar a lâmpada, posso devolver a voz que foi roubada pela bruxa, e transformar suas pernas em definitivas para sempre, sem precisar matar Edwin. — A Rainha se afastou, virando de costas. Antes que saísse por completo do local, olhou para trás, por cima do ombro. — Pense nisso, *Sereia*.

Liren estava imóvel. Conseguiu respirar com dificuldade quando Raven saiu da varanda, deixando-a sozinha com seus pensamentos e medos. Descobria que também existia magia no mundo humano. Ela precisaria tomar mais cuidado a partir daquele momento.



Não imaginava como a cama dos humanos poderia ser tão confortável. Seu corpo se espalhava pelo grande colchão e pelos diversos cobertores macios e aconchegantes que envolviam seu corpo e, agora, suas pernas – que

não conseguiam parar quietas. O coração de Liren batia rápido, imaginando como seria o dia seguinte, na expectativa de encontrar a lâmpada mágica que tanto ouviu falar. Sabia que estava fora de cogitação matar o Príncipe para sobreviver. Encontrar a lâmpada era a sua última saída. Virou-se para a grande janela aberta, dando-lhe uma visão escura e forte do mar, que era banhado pelo brilho da lua em seu horizonte. Ouvia o barulho das ondas que iam e vinham se chocando nas pedras da fortaleza do castelo. Era como um sonho poder estar livre das amarras do oceano de seu pai. Perdeu-se em seus pensamentos enquanto fechava os olhos sem perceber, embalando-se num sono profundo, como quando sua irmã lhe contava histórias fantásticas.



Acordou com a agitação do palácio. As vozes iam de um lado para o outro, junto dos passos rápidos por todas as partes. Levantou-se da cama imediatamente, aproximando-se da porta entreaberta. Precisou olhar bem para as pernas e tocá-las mais de uma vez para ter certeza de que realmente existiam, mas logo em seguida voltou sua atenção para o grande corredor. Avistou Edwin vindo em sua direção, fazendo-a se afastar às pressas. Não demorou muito para que seus passos se encontrassem e ela caísse no chão, nervosa.

— Você está bem, senhorita? – perguntou ele, escancarando a porta ao ver Liren no chão. — Devo ter lhe assustado, perdoe-me!

Liren hesitou de segurar nas mãos dele. Sabia que não deveriam ter nenhum tipo de contato, principalmente o visual. Fazia questão de abaixar ou levantar o olhar quando o via, pois lembrava-se das palavras de Kora: “quando os olhos se encontram, os corações perdem a visão”. Os olhos, ela precisava se afastar dos olhos dele.

Liren balançou a cabeça em concordância.

— Sinto muito pela confusão de meus criados. Hoje é um dia cheio por aqui, já deve ter percebido... – Edwin sorria enquanto enfiava as mãos em seus bolsos, tentando esconder a vergonha que sentia. — Eu daria tudo para sair daqui hoje.

Sem pensar muito, Liren abriu um enorme sorriso, fazendo o tão temível contato visual com o príncipe. Lembrava-se do que o príncipe havia proposto na noite passada: passear pelo reino. Sabia que era a oportunidade perfeita para sair e procurar pela lâmpada. Aproximou-se um pouco mais dele, chamando sua atenção. Com entusiasmo, apontou para a janela, como se quisesse mostrar algo.

— Espera, o que está tentando me dizer? — Edwin tentava acompanhar o raciocínio das mãos da jovem de cabelos rubros. — Lá fora? Você quer ir lá fora? — Ele parou, elevou a mão a cabeça. — Oh, que tolo! Eu prometi que iríamos sair hoje, não é?

Liren estava grata aos céus por Edwin conseguir entendê-la de primeira. Ela balançou a cabeça inúmeras vezes em concordância.

O príncipe passou a mão no queixo, como se analisasse a situação.

— Não sei se é uma boa ideia no momento, visto que... — Sua frase foi interrompida pelos ombros de Liren, que perderam a força e o ânimo que seguravam. Seu olhar voltou-se para baixo, afastando-se do Príncipe. — Se bem que, eles não vão sentir nossa falta se escaparmos um pouco, não?

Em poucos minutos, duas criadas ajudaram Liren a se vestir no quarto. Usava um vestido azul marinho, como as águas profundas do oceano. Seus cabelos foram presos numa trança, na ponta estava uma fita preta que formava um laço — coisa que tomou a atenção de Liren por um bom tempo, já que ela nunca havia visto nada igual. Pequenos sapatos marrons sem salto foram encaixados em seus pés, fazendo-a sentir-se estranha. Eram desconfortáveis e apertavam seus dedos, o que dificultava mais ainda suas recentes pernas de se locomoverem.

Com o auxílio de Sedrick, Liren foi até a entrada do palácio, onde Edwin a esperava junto de uma carruagem. Sentiu algo estranho em seu peito ao observar o príncipe esperando por ela. O brilho em seu olhar era diferente. Os olhos, sempre eles!

— Aqui está, senhor! — Sedrick anunciou a chegada da jovem, fazendo o príncipe se mover e subir os poucos degraus que o afastavam de Liren. — Lembre-se de que não tem muito tempo, Alteza.

— Obrigado, Sedrick! Pode deixar! — Ele abriu a porta da carruagem rapidamente para Liren entrar. — Voltaremos ao pôr-do-sol! — disse o Príncipe ao fechar a porta e dar o comando ao cocheiro para seguir viagem.

— Pôr-do-sol? Alteza! Alteza? Espere, o senhor não... — Sedrick não conseguiu completar sua frase, a carruagem já estava distante para alguém poder ouvi-lo. — Não pode demorar — completou ele, em voz baixa.

A pequena carruagem que se distanciava do castelo com a força dos cavalos brancos guiados por um cocheiro, fez Liren lembrar-se das enormes ostras guiadas por arraias que levavam a sua família para os quatro cantos do oceano. Liren nunca entendeu o motivo de usarem as ostras, já que conseguia nadar perfeitamente bem, como as outras sereias. Seu pai explicara inúmeras vezes que eles não eram sereias e tritões comuns, que precisavam manter a classe da família real e seguir as regras. Regras. Sempre as regras. Balançou a cabeça na tentativa de jogar pela janela da carruagem os pensamentos sobre seu pai. Sua visão voltou para a paisagem que conseguia ver agora. Um grande lençol azul guardava todo o caminho, as águas do mar continuavam a vigiá-la aonde ela fosse.

— Veja! — Edwin chamou sua atenção. — Lá está a aldeia.

O mar começou a se distanciar de Liren, até que ser totalmente coberto por pequenos montes de areia e depois por casas e choupanas que começavam a aparecer mais a cada instante. As rodas da carruagem diminuíram a velocidade, fazendo a jovem conseguir ver melhor cada detalhe. Tudo era fascinante, as pessoas, as casas, as vozes. Era tudo tão diferente e tão maravilhoso! O coração da sereia, que agora era mulher, estava prestes a sair pela boca. Ouviu alguns aldeões tocando uma música em instrumentos nunca vistos por ela. Sua vontade era de pular da carruagem e começar a dançar e cantar junto deles. Sim, ela podia dançar, e a ficha ainda não tinha caído. Seus pés mal se controlavam enquanto o cocheiro parava os cavalos. Edwin abriu a porta da carruagem, esquecendo totalmente das formalidades reais e das regras de seu reino. Com um grande sorriso, estirou a mão para Liren, que hesitou por um momento de segurá-la.

— Vamos, eu não mordo! — brincou ele, balançando a mão no ar.

Com certo medo, ela segurou em sua mão e desceu da carruagem,

conhecendo finalmente o mundo que sempre sonhou. Respirou fundo o ar puro e úmido da aldeia, sentiu os mais variados aromas que fizeram sua barriga emitir um som estranho.

— Deve estar com fome, receio? – perguntou o Príncipe. — Não conseguimos comer antes de sair do palácio, foi culpa minha.

Liren apenas sorriu, e antes que percebesse já estava conhecendo tudo na aldeia. Passeou pelo centro, observou cada detalhe escondido por entre as paredes das velhas e coloridas casas. Era melhor do que tinha imaginado, era maior do que havia sonhado. Provou diversos pratos de comida que lhe foram ofertados, e aprovou todos, sem exceção. Um de seus favoritos foi o de aroma mais forte, ela comeu rapidamente e não esperou Edwin explicar-lhe o que era. Só depois de comer, descobriu que se chamava pão. Ficou muito feliz por poder comer o *pão* sem precisar usar o garfo, já que não tinha muito jeito para a coisa.

Os aldeões continuavam a tocar seus instrumentos estranhos, muito diferentes dos conhecidos no fundo-do-mar, mas que ainda assim faziam o corpo de Liren dançar. E foi isso que ela fez. Afastou-se de Edwin, indo para o centro da praça onde estavam. O Príncipe não entendeu a primeiro momento o que ela iria fazer, até que a jovem fechou os olhos e começou a dançar. Sonhou a sua vida inteira com o dia em que dançaria, e era melhor do que esperava. Seus pés desengonçados iam de um lado para o outro, enquanto seus braços se guiavam pela música animada e as palmas das pessoas ao redor. Seu corpo rodopiava, desfazendo a trança que prendia seus cabelos. A fita preta que segurava a trança correu pelo ar e pousou nas mãos de Edwin, que segurou prontamente. Seu coração bateu forte ao ver aquela garota que ele mal conhecia dançando com toda a alegria que sentia. Sua vontade era de se aproximar, de estar com ela. O que era isso? Ele não entendia. A conhecia

há menos de dois dias, mas algo nela o fazia querer mais. Mais tempo com ela, mais passeios com ela, mais danças com ela.

Sem pensar demais, aproximou-se de sua dança, segurando-a pela cintura em meio a um rodopio. Seus olhos se encontraram, a música não era mais ouvida, apenas o som de seus corações batendo na mesma intensidade.

— Posso conduzi-la? — perguntou ele, esperando desesperadamente por um sinal positivo.

Os olhos claros e confusos da jovem não piscavam, estavam vidrados nele. Ao tomar consciência da pergunta, ela balançou a cabeça, assentindo. Edwin sorriu, segurando forte em sua mão e trazendo sua cintura para mais perto dele. A música voltou a ganhar intensidade, fazendo com que os dois dançassem por todo o centro da praça, sendo embalados pelas palmas das pessoas que paravam de andar para observar o príncipe e a donzela desconhecida de cabelos vermelhos. Depois, outros casais e crianças se juntaram à dança, deixando tudo ainda mais animado.

Edwin e Liren dançaram até seus pés doerem.



— E então, gostou da aldeia? – perguntou o príncipe, já na carruagem.

O sorriso no rosto de Liren deixava claro seu sentimento naquele momento. Ela estava tão feliz que poderia morrer naquele momento. *Morrer*, provavelmente isso aconteceria em breve, já que ela não havia encontrado a lâmpada mágica. Esquecera completamente de procurar a lâmpada que a ajudaria a se tornar humana definitivamente. Não sabia o que seria de seu futuro, mas isso não importava naquele momento.

— Tenho outro lugar para te levar ainda. — ele sibilou, tocando lentamente em seu ombro. — Podemos ir! — disse para o cocheiro, que seguiu caminho.

A luz do sol começava a desaparecer, dando lugar a cores avermelhadas no céu. O dia estava indo dormir, e a noite já se aproximava. Liren viu a aldeia se afastar de sua visão, dando lugar a árvores e plantas de diferentes cores. O canto dos pássaros era intenso, e as árvores altas e cheias deixavam o lugar ainda mais sombrio.

Depois de saírem da carruagem, o príncipe guiou a jovem até uma floresta fechada com muitas árvores. Os vagalumes escondidos por entre as folhas e galhos iluminavam a visão, dando vida ao lugar escuro.

— Estamos quase lá, eu prometo — disse ele, segurando em sua mão.

O clima sombrio lembrava a caverna da Bruxa do mar e todo o caminho que Liren fez para chegar até ela. Não conseguia acreditar como havia chegado tão longe. De repente, a escuridão foi engolida pela luz do pôr-do-sol que ganhava vida no fim da passagem. Os galhos grossos e secos das árvores estavam curvados, criando uma passagem para fora do lugar escuro, abrindo caminho para um grande campo aberto. O campo era lotado de flores brancas. O perfume das flores era intenso, e circulava por entre o ar, chegando até as narinas de Liren, fazendo-a sentir um aroma inédito.

— Este é o meu lugar secreto — disse ele, abrindo os braços, na intenção de alcançar todo o campo e mostrar para Liren tudo o que lhe pertencia, num tom de satisfação. — Meus pais plantaram todas as flores num verão, e logo depois eles... — as palavras não saíam de sua boca. — Eles disseram que esse lugar era meu, e que quando não estivessem mais aqui, eu poderia vir para cá, porque de alguma forma, eles estavam aqui — prosseguiu, com a voz embargada. — Nunca trouxe ninguém aqui, exceto Sedrick, que vinha me buscar quando eu fugia para cá. — Ele sorriu ao lembrar-se disso. — Esse lugar é especial, e senti que precisava te mostrar isso.

Liren sempre sonhou em voar, em ser especial. Ela sempre quis que sua vida tivesse um sentido, e parecia que agora nada mais importava. Sentia que havia encontrado o que sempre procurara, e não entendia como isso havia acontecido. A calma do lugar envolvia seu corpo, fazendo-a querer ficar ali para sempre. Sentia-se importante, especial por conhecer o jardim secreto de Edwin, e também o seu coração.

— São lírios. É o meu vale de lírios — disse ele, enquanto colhia um dos lírios. — Para você. — Entregou para a Sereia. — Para que nunca esqueça desse lugar.

Seus olhos brilharam enquanto segurava o lírio entregue pelo Príncipe. Era um lírio, assim como ela.

— Não sei qual o seu nome, mas sempre que eu olhar para esse lírios brancos, lembrarei de ti — disse ele, voltando o olhar para a flor.

Edwin deu um passo em sua direção, seus olhos estavam conectados. Os olhos, novamente eles. O Príncipe segurou delicadamente em seus ombros, fechou os olhos e foi em direção aos lábios de Liren. Ela não queria

fugir, queria estar com ele, beijá-lo, senti-lo, mas sabia que era impossível. Afastou-se rapidamente, fazendo-o tirar as mãos de seus ombros. O príncipe abriu os olhos, e entendeu a mensagem.

— Eu... Eu sinto muito! Queira perdoar-me, por favor. Não era a minha... Acho, acho que é melhor irmos para o palácio. Sedrick está me esperando.

Liren queria dizer tantas coisas, queria explicar tudo o que estava acontecendo, contar-lhe quem realmente era, mas não podia. Seguiu Edwin até a carruagem. O caminho de volta foi silencioso e escuro, assim como sua mente nesse momento. Nenhuma palavra foi dita por Edwin, e nenhum olhar também foi trocado. O coração de Liren batia rápido, imaginava o que teria acontecido se o príncipe a tivesse beijado, de fato. Precisava controlar suas emoções e manter-se firme. Sabia que não tinha outra escapatória — se ele a beijasse era morte na certa, e tudo o que ela mais queria naquele momento era que ele vivesse.

Estava grata pelo passeio, por tudo que pôde conhecer em um dia, e queria dizer isso a ele, mas não sabia como. Numa atitude pensada, Liren desprendeceu sua mão de seu colo, levando-a até o ombro de Edwin. Lentamente, tocou em sua camisa branca, chamando sua atenção. O olhar de Edwin era manso e terno, um pequeno sorriso surgiu no canto do rosto, retirando totalmente a tensão presente nos dois. Liren já podia respirar novamente.



Sedrick correu até a carruagem antes que pudessem descer. Sua expressão de cansaço e adrenalina convergiam, fazendo-o não controlar as palavras que já saíam pela boca, esquecendo totalmente as normas de boas maneiras.

— Eles chegaram, Alteza! — disse ele, ofegante.

— Já? Mas eu pensei que... — Edwin não completou a frase. Olhou para Liren tristemente antes de se levantar do banco acolchoado da carruagem e partir para dentro do castelo às pressas.

Sem entender o que estava acontecendo, Liren o seguiu, esquecendo os sapatos que havia deixado na carruagem. Seus pés doíam e queria tirar por um momento os sapatos que apertavam seus dedos. Havia encontrado o primeiro defeito nas pernas: dedos demais.

O príncipe parecia estar com pressa. Sem olhar para trás e perceber que a garota o seguia, ele deu passos largos até o salão principal, que dava para uma grande escadaria. Um enorme lustre de cristal iluminava o espaço aberto, dando destaque para um grande tapete de veludo azul e dourado. Ao vê-los, seus passos diminuíram de intensidade. Respirou fundo e passou a mão na franja que caía na testa, limpou a garganta, arrumou a camisa e sorriu,

como sempre fazia.

Sedrick correu para alcançar o príncipe, e com certo cansaço na voz, anunciou as visitas.

— Sultão Kalil e Princesa Hana, do reino de Alqamar.

O Príncipe fez uma reverência, curvando seu tronco em direção dos convidados, que retribuíram com o mesmo gesto.

— É um prazer recebê-los em meu reino — disse ele, com a voz branda.

— Receio que temos muito o que conversar, Príncipe Edwin. — A voz do Sultão era grossa e imponente, diferente de sua fisionomia. Sua barba castanha com leves fios esbranquiçados contrastava bem com seus olhos cor-de-mel.

Era magro e baixo, parecia um pobre e indefeso idoso, conseguia enganar muito bem os que o viam, já que era o Sultão mais rico e poderoso dos reinos orientais. Suas roupas cor-de-pérola eram longas, decoradas com arabescos dourados que brilhavam ao se chocarem na luz.

— Receio que sim, Majestade — concordou Edwin, sem muito entusiasmo. — Como vai, Princesa Hana?

A Princesa sorriu, antes de responder qualquer coisa. Curvou-se novamente.

— Estou muito bem, Alteza, obrigada! — Sua voz era suave e aveludada.

Liren observava de longe a conversa da realeza, não entendia muito bem o que estava acontecendo, mas parecia ser importante. Olhou bem para a Princesa — ela era tão bonita. Seus cabelos escuros eram longos e lisos,

presos num broche dourado cravejado com rubis em sua cabeça, os fios ficavam jogados para trás dos ombros. Possuía uma pele escura e bronzeada que parecia ser muito macia. Usava um vestido cor-de-rosa, deixando os braços nus e um pequeno decote entre os seios, suas orelhas estavam enfeitadas com grandes brincos que faziam barulho quando ela se mexia, e em seu pescoço repousava um cordão dourado com uma pedra azul desconhecida para Liren, mas que brilhava intensamente.

— Soube do menino que voou num tapete em seu reino, é verdade? — perguntou Edwin.

— Sim, ele... — Hana tentou falar, mas foi interrompida por seu pai, que apenas com um olhar, a calou.

— É apenas magia negra de um simples menino de rua, não tem nenhuma importância para o nosso reino.

Liren lembrou-se da conversa dos aldeões sobre o tapete mágico. Talvez, a lâmpada mágica estivesse com esse menino, e se isso fosse verdade, não teria chance alguma de encontrá-la.

— Por que não deixa que os homens falem agora, querida? — perguntou o Sultão. — Talvez devesse passear pelos jardins tropicais do palácio de seu futuro esposo.

Futuro esposo? Liren se perguntava se havia ouvido direito. Edwin ia casar? Ela estava prometida a ele? Não conseguia processar bem as informações. Havia escutado algo parecido a noite passada, mas ainda não tinha parado para pensar nisso. Sem perceber, encostou-se numa das cortinas, que acabou se abrindo e levando o corpo da jovem ao chão.

A atenção de todos se voltou para Liren, que estava caída na entrada do salão.

— Senhorita! — Sedrick foi em sua direção, na tentativa de ajuda-la.

— Quem é esta? — perguntou Hana.

— Ela é uma amiga que ajudei. — Edwin foi em direção de Liren. — Está morando no palácio conosco, por ora.

O Sultão olhou para Liren, antes que pudesse dizer algo.

— Onde estão seus sapatos, minha jovem? — perguntou ele, num tom ríspido. — Não consegue seguir uma simples regra de etiqueta?

— Papai... — Hana tenta intervir, percebendo o desconforto e a vergonha no semblante da jovem.

Liren tentou esconder os pés, botando-os um atrás do outro, em vão.

— O que estou dizendo de errado? É a verdade! Não se pode entrar no meio de uma conversa, e ainda por cima descalça. É um ultraje! Além disso, príncipe, não deveria dormir na mesma casa em que uma *mulher qualquer* dorme. — Algumas palavras foram ditas por ele em outra língua. Uma língua que Liren não conhecia, e que parecia ser muito difícil.

Mulher qualquer? O que isso significava? Liren não entendia, mas acreditava que não era algo muito bom.

A Princesa voltou o olhar para Liren. Com um sorriso, fez com que seus olhos ficassem semicerrados.

— Seu cabelo é muito lindo e diferente! Nunca vi uma cor tão intensa assim!

A Sereia pôde perceber que Hana era uma boa pessoa. Seu coração era dócil e gentil, diferente do coração de seu pai, que parecia amargurado e estúpido, fazendo-a se lembrar do Rei dos mares, que também era eu pai.

Liren apenas sorriu, curvando-se com dificuldade para a princesa.

— Ela não fala, queiram desculpá-la, por favor. — Edwin adiantou-se em explicar, antes que o Sultão surgisse com outra de suas questões.

— Por que não faz um passeio com essa... *moça*, enquanto converso com o príncipe? — perguntou o Sultão, mesmo que parecesse muito mais com uma ordem.

A Princesa assentiu, indo em direção de Liren, que a seguiu prontamente, ainda que quisesse muito ficar ao lado de Edwin. Ele parecia desconfortável e tenso com a presença do rei que usava roupas estranhas.

Sem poder dizer nada, Liren guiou Hana até o jardim principal do palácio, onde existiam diversas plantas e árvores tropicais, em vários tons de verde, amarelo e laranja.

— É tudo tão bonito aqui! O vento deste lugar é tão forte que eu poderia voar! — disse Hana, com certo entusiasmo. — Você também gosta daqui, não é? Vive num paraíso!

Liren assentiu, forçando um sorriso. Embora estivesse feliz por Edwin ter encontrado uma ótima princesa para casar, sentia-se triste por algum motivo, ainda não sabia o que era.

De repente, a alegria estampada no rosto de Hana sumiu, dando lugar a um tom triste e de decepção.

— Mas eu trocaria tudo o que ainda terei aqui para estar com ele... — Seu olhar voltou-se para Liren, que escutava atentamente suas palavras. — Acho que posso desabafar com você. Já que não pode falar, meus segredos estarão seguros contigo, certo?

A sereia assentiu, concordando com a cabeça e mantendo seus olhos

bem abertos e ouvidos atentos para as palavras da princesa.

Hana olhou para os lados antes de começar a falar. Ao perceber que seu pai estava longe o suficiente, disse:

— A verdade é que não quero me casar com Edwin! — assumiu, tremendo os lábios, com medo de que suas palavras pudessem ser escutadas por alguém além de sua nova amiga. — Ele é um ótimo homem e um ótimo líder, mas meu coração não está aqui. Nossos pais arranjaram esse casamento antes mesmo de eu nascer, estou presa a isso a minha vida inteira. Meu pai diz que é o meu dever como princesa seguir as regras e casar-me com o príncipe Edwin, que isso vai fortalecer relações entre o oriente e o ocidente, mas... não é o que meu coração quer.

Liren entendia. Ah, ela entendia muito bem o sentimento de Hana. Lembrou-se como o seu pai queria obrigá-la a casar-se a força, e de como ela sofreu, mesmo sendo por pouco tempo. Não imaginava como seria terrível se tivesse que viver a vida toda presa a alguém que não amava.

— Eu estava conformada a viver dessa forma. Sabia que era o meu *dever*, até que o conheci... — O sorriso voltou a estampar seu rosto. — O ladrão de frutas que me salvou com um truque... Ele não sabe, mas também salvou meu coração — continuou a falar, mostrando-se cada vez mais apaixonada. — Ele realmente sabe fazer ótimos truques, sabia? Conseguiu me levar num passeio. Voamos por toda Alqamar num tapete voador!

Então era ele, o menino do tapete. As histórias eram reais. Tudo o que ouvira, o que sonhara, era real. Imaginou por tantas vezes como seria voar, nadar por sobre as nuvens do enorme céu que estava longe de suas mãos. *Como ele é sortudo*, pensou ela.

O olhar de Hana voltou a se mostrar triste.

— Infelizmente, não posso ficar com ele. Papai disse que eu sou apenas mais uma aventura do menino ladrão que inventou ser um príncipe, mas tenho certas dúvidas quanto a isso — prosseguiu, respirando fundo, sem esboçar muita animação. — eu só queria ser... ser livre.

Naquele momento Liren percebeu que não importava o lugar, a espécie ou a condição social, sempre haveria alguém preso num mundo que não lhe pertencia.

Hana era tudo o que a sereia já sonhou em ser, e ao mesmo tempo era igual a ela. Presa, calada, reprimida. Queria ajudá-la de alguma forma, mas não sabia como. Provavelmente nem teria tempo para isso.

— Queria que pudesse falar, para me dar algum conselho — disse a Princesa, com um olhar desesperado e certa esperança de que algo saísse da boca da garota. — Gostaria de que tudo fosse diferente.

Você pode fazer tudo ser diferente, gritava Liren, dentro de si.

A preocupação momentânea com Hana fez a sereia esquecer de que Edwin também estava se casando. Não sabia o que sentia por ele, mas era uma realidade de que o príncipe estava longe de ser dela. Que loucura, mesmo se não existisse casamento, ele não poderia ser dela. Nunca.

Liren segurou nas mãos de Hana, e com delicadeza as acariciou.

Um pequeno sorriso se formou, na tentativa de acalotá-la, já que nada podia dizer nada para confortá-la. O gesto foi retribuído.

— Obrigada por me ouvir. Sei que não foi fácil me suportar, já que gosta do príncipe.

Rapidamente, Liren soltou a mão de Hana. Balançou a cabeça para os lados, negando veementemente o que acabara de escutar.

— Oras, não precisa fingir – disse Hana, em meio ao riso. — Eu vi como vocês se olharam.

O olhar. De novo isso.

A Sereia não sabia o que pensar ou acreditar. Só lhe restava um dia, seu tempo estava acabando. Estava decidida de que não poderia matar um humano, principalmente Edwin. Também esquecera da lâmpada mágica, já que era impossível de encontrá-la. Estava fadada a morrer, e isso era um fato. Seu maior sonho era conhecer o mundo, e sentia por não o realizar por completo. Mas estava grata por tudo o que teve, e era o que mais importava.

Não teve apetite para jantar com os convidados do príncipe. Recolheu-se cedo e dormiu antes que percebesse. Descansou por completo em sua última noite de sono.



A luz do sol se mostrou presente naquela tarde, entrando diretamente no quarto de Liren, que demorara a despertar. A Sereia era muito esperta, tanto que já sabia como vestir-se sozinha, e não precisou de nenhuma criada para ajudá-la a subir o vestido ou fechar o espartilho em sua cintura. Penteou seus cabelos, deixando-os lisos e brilhantes, olhou bem para o lírio branco

que descansava num pequeno vaso próximo de sua cama, lembrando-se de tudo o que aquela flor significava para Edwin, e agora para ela. Desceu descalço pela enorme escada. Decidiu não se importar. Os sapatos eram desconfortáveis e a machucavam, e se esse era o seu último dia viva, que fosse como ela quisesse.

Ao aproximar-se da mesa, onde todos já estavam, notou o olhar do Sultão ao perceber que a garota continuava descalça. Pensara muito em como podia ajudar Hana a seguir seus sonhos e vontades, e já que não podia falar, precisaria mostrar o que fazer. Claramente insultado, o Sultão levantou-se de sua cadeira, sem tirar os olhos da jovem, que sustentava um enorme sorriso em seu rosto.

— Mas o que é isto? De novo essa falta de respeito? — gritou ele, mostrando-se realmente irado com a situação.

— Majestade, ela só... — Edwin tentou explicar.

— Isso é uma falta de respeito com o seu Sultão, Príncipe Edwin! — a fúria em sua voz só aumentava. — Como pode aceitar uma pessoa assim em seu palácio?

— Por favor, senhor! Tenha respeito! — Edwin falou no mesmo tom do Sultão, chamando a atenção de todos que estavam no salão. — Por que não diz logo que o motivo de sua raiva é por medo de eu ter algo com ela? — Aos poucos, abrandou o tom de voz. — Ela é apenas uma boa amiga, e não merece ser mal trada por usar ou não usar sapatos.

O Sultão ficou sem voz por um momento, enquanto digeriria as palavras proferidas por Edwin.

— Como ousa? Achas que vou permitir que minha filha se case com você, enquanto mantiver essa... essa *mulher* em seu teto? — perguntou ele,

irado.

— Tenho palavra e me casarei com sua filha, como o combinado, mas não permito que trate assim alguém que... que amo.

Os olhares se voltaram para Edwin, que mantinha sua postura.

Alguém que amo? Liren ouviu direito? Precisava que aquelas palavras fossem repetidas inúmeras vezes para ter certeza do que acabara de ouvir.

— Chega! — gritou o Sultão, claramente fora de si — O casamento está cancelado! Minha filha não precisa disso! — ele limpou a garganta, enquanto se afastava da mesa e fuzilava Liren com os olhos — Vamos, Hana! Vamos para a casa.

— Eu irei, meu pai, mas não para a *sua* casa! — Hana não sibilou. Toda a sua coragem estava presente naquele momento.

O Sultão Kalil virou-se para a filha, que continuava parada.

— Cansei de seguir suas ordens como uma escrava! — disse, sem gaguejar. — Eu sou mais do que um produto que pode ser vendido para um reino vizinho. O encontrarei e viverei feliz com quem realmente amo.

— HANA! — Os olhos do Sultão estavam vermelhos e arregalados, ele estava se segurando muito para manter as boas maneiras. — Não percebes a tolice que está dizendo? Você não imagina como é o mundo lá fora.

— Então deixe-me descobrir, papai. Deixe-me descobrir como é o mundo. — Hana parecia calma e decidida. Seu corpo se tremia, mas sua voz permanecia firme.

O Sultão andou de um lado para o outro, enquanto encostava a mão na cabeça.

— Você voltará quando não tiver nada, pode ter certeza disso!

— Prefiro não ter nada, do que voltar a ser sua propriedade, papai.

Não quis mais ouvir nada que a filha tinha para dizer. Saiu às pressas do salão, sendo seguido por Sedrick, que tentava acalmar a situação.

Hana agradeceu a Edwin por sua hospitalidade antes de sair. Voltou, então, a atenção para Liren, que se mostrava feliz e orgulhosa por sua atitude. Esquecendo a disciplina real, abraçou-a fortemente.

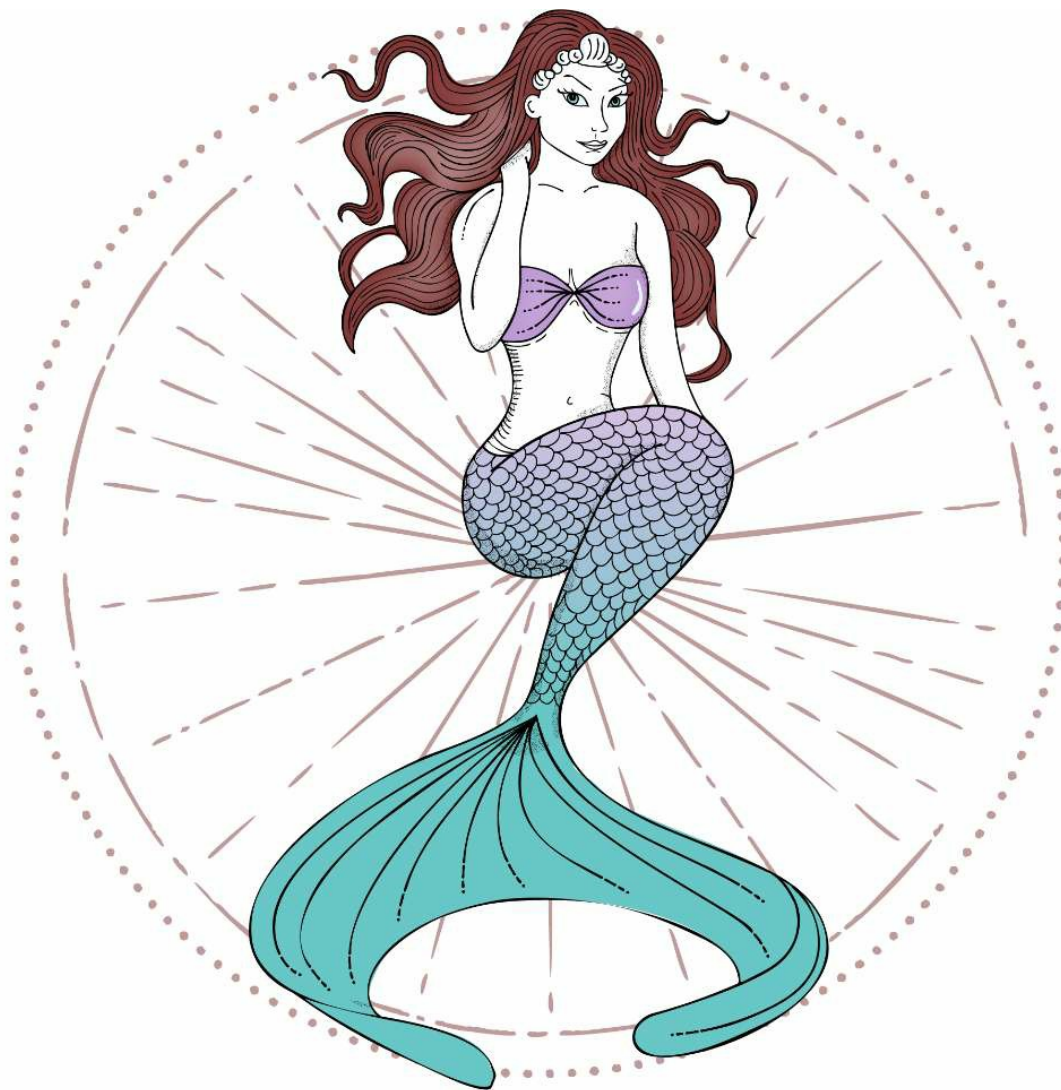
— Obrigada por me dar coragem! — disse Hanna, com os olhos marejados. — Pela primeira vez alguém me ouviu, e falou tudo o que eu precisava escutar sem dizer uma palavra. Que os deuses lhe abençoem.

Liren retribuiu com um grande abraço.

A princesa Hana e seu pai saíram em pouco tempo do castelo, deixando Liren e Edwin sozinhos novamente. E era tudo o que eles queriam naquele momento.

Caminharam pelo jardim por tanto tempo que perderam a noção das horas. Caminharam em silêncio, sem dizer nenhuma palavra, apenas andaram e respiraram a brisa salgada do oceano, que fazia questão de cantar suas mais belas melodias enquanto se chocava por entre as rochas da fortaleza. Edwin procurava as palavras certas para explicar o que havia dito, e depois de pensar muito, percebeu que tudo que precisava falar, já estava falado.

Não havia nada para explicar, apenas para sentir.



PARTE QUATRO

Contemplava o pôr-do-sol de longe. Via como a água mudava de cor enquanto o sol cirandava pelos céus. O balançar do mar trazia calma para a ansiedade que movia todo o corpo da jovem. Não sabia o que esperar a partir de agora, mas sabia que não dependia mais dela, apenas o destino controlaria tudo. Olhou para cima, e percebeu que as nuvens eram cor-de-rosa. Imaginou como teria sido incrível voar pelo vasto céu, como um pássaro, ou num tapete mágico. Faltava pouco para o sol se pôr, ela sabia que não tinha tanto tempo. Naquele momento, queria olhar para Edwin, queria dizer que tinha certeza de que também o amava, de que esperava encontrá-lo em outra vida de outra forma, se isso fosse possível. Segurou em suas mãos, pressionou fortemente sua carne na dele e o abraçou, enquanto o último raio de sol brilhava no horizonte. As lágrimas começaram a descer de seus olhos, enquanto ela o abraçava com mais força. Sabia que devia ir, mas não queria. Não podia ainda.

— O que aconteceu? Por que você está assim? — ele perguntou, mesmo sabendo de que não teria nenhuma resposta.

O céu escureceu, engolindo toda a luz e cor do dia que acabara de ir embora. De repente, as ondas do mar se agitaram. Um barulho nos céus foi ouvido, acompanhado de raios, trovões e relâmpagos que estamparam as nuvens cinza. Em meio ao mar, um redemoinho se formou, chamando a atenção dos dois, que se levantaram. As ondas se uniram, dançando uma melodia demoníaca em meio ao mar, que se agitava assustadoramente.

— Mas o que é... *aquilo*? — perguntou Edwin, semicerrando os olhos para ver melhor.

Liren sabia quem era. Sabia o que estava por vir. Sentiu algo estranho

tomando conta de seu corpo, sufocando sua garganta. Sentiu como se engolisse algo, que escorria devagar por sua garganta. A quentura tomava conta de seu corpo, fazendo-a estremecer por completo. Queria gritar, e agora podia.

— Edwin? — o chamou, com certo receio.

Sua voz saiu, ela podia falar novamente.

— Você... Você pode falar? — ele estava assustado, escutando pela primeira vez a voz de Liren. — Como é possível? Como você...

— É uma longa história que não importa agora. — Ela o cortou, a tensão em sua voz era clara. — Não sei o que vai acontecer a partir de agora, mas saiba que eu também te...

Antes que pudesse completar sua declaração, suas últimas palavras, o chão estremeceu. Eles se abraçaram rapidamente, enquanto sentiam a areia se mover em seus pés. De repente, uma voz que saía de dentro da água e refletia nos céus esbravejou:

— Você foi fraca, Liren! Não conseguiu matar o humano por quem se apaixonou! — A Bruxa do mar falou. Sua voz bradava pelos quatro cantos do oceano, enquanto seu corpo saía das águas, ganhando forma na terra.

Eudora estava ali, novamente em terra firme.

— *Liren*? Esse é o seu nome? — perguntou ele, com certa ansiedade por uma resposta. — O que está acontecendo? Eu não entendo...

— Por favor, eu pagarei meu preço. Ele não tem culpa! — Liren ignorou as perguntas de Edwin, voltando toda a sua atenção para a Bruxa, que se aproximava aos poucos.

— Ele tem culpa! Todos eles têm culpa, e vão pagar por tudo! — Seu

corpo se materializava na areia, ganhando forma aos poucos, se transformando num monstro mais horrendo ainda. Enormes garras afiadas nasceram em seus dedos, deixando suas mãos em evidência. Grandes presas se formaram em sua boca, fazendo-a parecer mais assustadora do que já era de costume. — Se você não conseguiu matá-lo, mato eu! Você viverá, Liren, quando *ele* morrer.

— NÃO! — Liren gritou, enquanto caía no chão. — Por favor!

Suas pernas começaram a se juntar, colando-se uma na outra, enquanto seus pés aumentavam de tamanho. Escamas começaram a nascer, barbatanas apareceram em seus quadris e nadadeiras longas numa tonalidade quase transparente brotaram nas pontas. Já não existiam pernas, as tão sonhadas pernas. A cauda esverdeada de sereia voltara para o seu corpo.

Liren rastejava pelo chão, enquanto sua cauda se debatia em busca de água.

— Não o... machuque... — Ela falava com dificuldade.

— Liren! — Edwin chamou por ela. Pelo seu nome. Agora ele sabia, sabia de tudo.

Correu em sua direção. Com certo receio, a segurou em seus braços e a levou para a água sem se importar com Eudora, que se aproximava mais a cada segundo. Edwin colocou Liren na beira do mar, permitindo que sua cauda recebesse a água que precisava, ela estava conectada com o mar novamente.

— Você está bem? — perguntou ele, preocupado.

Liren assentiu, tentando recobrar as forças.

— Você deve ir embora, antes que ela te pegue... Ela vai te matar,

Edwin... — disse Liren, com dificuldade.

O Príncipe olhou para o lado. Percebeu que o ser que saía da água ganhava mais agilidade, aproximando-se cada vez mais dele. Suas garras negras cresceram mais, e pareciam afiadas. A Bruxa emitia grunhidos de sua boca desfigurada, que se rasgou dos lados, ficando maior ainda. Os dentes e presas aumentaram de tamanho, ela estava pronta para atacar. O Príncipe correu para dentro d'água, mergulhou para longe, na tentativa de fugir da Bruxa.

Seu corpo estava submerso. As ondas o cercaram, jogando-o dentro do enorme redemoinho que aumentava a cada segundo que se passava. Já não conseguia respirar, as águas sombrias o sufocavam enquanto tentava emergir. Seus únicos pensamentos eram em Liren, ele queria salvá-la antes que fosse tarde demais.

— Não tem como fugir, você morrerá hoje! — Ela grunhiu, enquanto ia em sua direção.

Com muito esforço, Liren rastejou mais para dentro do mar, conseguindo nadar livremente. Nadou o mais rápido que pôde em direção ao redemoinho que prendia o seu amor, nadou como nunca havia nadado antes. Tentava alcançá-lo em meio ao ciclone aquático, mas não tinha forças suficiente. Fechou bem os olhos, sentiu a água em seu corpo, sentiu as sombras escondidas por entre as bolhas e em cada gota brava do oceano. Deixou seu corpo ser conduzido pelas águas, se entregou por completo ao oceano, entregou sua alma.

As águas se acalmaram, deixando que Edwin afundasse. Com dificuldade, Liren conseguiu alcançá-lo. Puxando pelo braço, levou-o até a beira do mar, colocando toda a sua força na tentativa de salvá-lo. Ele era

precioso, era o resultado de seus sonhos, e não morreria tão facilmente.

Edwin respirava com dificuldade. Havia engolido muita água, mal conseguia abrir os olhos.

— Não, não, não! — Ela repetia em meio as lágrimas. — Você não pode... Por favor, não!

O príncipe sorriu para ela com dificuldade, como costumava fazer.

— A sua voz é linda — sibilou, juntando toda a força que ainda possuía. — A mais linda de todas...

As lágrimas inundaram os olhos da sereia, que facilmente poderia afogar-se nelas.

— Eu irei até o mar, buscarei ajuda, magia! Falarei com meu pai, ele não pode me negar isso! Tenho certeza de que...

— Eu estou feliz. Encontrei alguém que vale... Valeu a pena lutar — corrigiu-se, tentando sorrir em meio as lágrimas que escorriam por seus olhos quase fechados.

— Como pode amar alguém como eu? Eu não sou...

— Você é tudo o que eu sempre sonhei. — Ele a cortou, fechando os olhos para falar. — Se para você viver, eu precisar morrer, então tudo bem.

— Não diga isso! Eu não vou permitir! Nunca! — Suas palavras se misturavam com as lágrimas.

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Edwin juntou todas as forças que ainda lhe restavam no corpo, e a empurrou para longe. Ele sabia o que aconteceria, estava decidido disso.

As garras da Bruxa do mar atravessaram seu peito, fazendo seus olhos

se abrirem por uma última vez, mostrando toda a dor que ele ainda sentia. O sangue escorria lentamente na visão de Liren, que gritava desesperadamente de longe. Edwin tossiu, deixando um líquido viscoso e escuro descer por sua boca, antes que desse seu último suspiro. Eudora puxou a mão para fora do corpo em que já não existia vida, deixando-o cair em meio a areia da praia.

— O que você fez? — perguntou Liren, sem forças de gritar.

Antes que percebesse, suas pernas estavam de volta. A vida de Edwin agora era sua, ela estava viva.

— Eu te salvei — disse a Bruxa. — Eu fiz justiça! Esse humano iria destruí-la antes que pudesse perceber. Sabia que não teria coragem de matá-lo, então tomei as devidas atitudes para salvá-la.

Liren já não se importava de morrer, já não importava mais nada. Para que pernas, se o pagamento foi tão alto? Para que viver se o seu mundo já não fazia mais sentido? Ela se levantou do chão. Suas pernas tremiam a cada passo que dava em direção do corpo de Edwin, que sangrava ao seu lado.

— Veja! Agora tem pernas de verdade! — A animação na voz de Eudora mostrava que ela achava ter cumprido bem seu trabalho. — Agora pode viver livre, como sempre quis!

Liren se agachou ao lado de Edwin, não dando atenção as palavras da Bruxa. Olhou bem em seu rosto, o acariciou lentamente, observando cada detalhe. Aproximou-se lentamente de seus lábios, e sorriu em meio as lágrimas que escorriam. Respirou fundo e fechou os olhos. Seus lábios se encontraram pela primeira vez. O beijo que ela tanto esperou finalmente se concretizava. O beijo que poderia matá-lo, já não surtiria efeito.

Um beijo de amor verdadeiro.

— O que você está fazendo? O que pensa que está fazendo, Liren? — Eudora gritou, assustada. — Esse beijo, ele não poderia acontecer! Ele te matará!

Liren olhou para a Bruxa, que a observava apreensiva.

— Obrigada por tentar me salvar, mas ele chegou primeiro.

— Liren! Você não sabe o que fez!

— Eu o salvei. — Voltou o olhar para ele, que já conseguia respirar novamente. — Viva por mim, meu amor.

— NÃO! — A Bruxa gritou, enquanto se desfazia na areia, se tornando pó lentamente.

Liren acariciou seu rosto novamente, enquanto seu corpo se debruçava no dele. As ondas fortes a puxaram para dentro da água lentamente, desfazendo todas as partes de seu corpo em meio a espuma do mar, transformando-a em água. As águas mais brilhantes e vivas do mar sombrio, que foi testemunha de uma prova de amor.

As águas sombrias já não existiam mais ali.



O sol brilhava forte no rosto de Edwin, que abriu os olhos com certa dificuldade. Sentia o gosto salgado na boca e o vento forte no rosto, balançando seus cabelos. Percebeu que estava na praia. Ao abrir os olhos completamente, viu Sedrick e Octavius ao seu lado.

— Alteza! Oh, Alteza! — Sedrick o chamou. — O que aconteceu? Por que está aqui?

Edwin levantou o busto, tentando se sentar de alguma forma confortável.

— Eu... Eu não sei — disse ele, segurando o braço esquerdo. — Eu não lembro de nada.

— Como não lembra de nada? Onde está a jovem donzela? — perguntou Sedrick.

— Donzela? De quem está falando, Sedrick? Eu não me lembro de nada... Só de uma voz.

— Uma voz? — repetiu a fala de seu príncipe.

— Uma voz doce e delicada. A mais bonita que já ouvi! Ela cantou uma música muito bonita, que me fez dormir. Depois disso, não me lembro de mais nada.

Sedrick o observou. Ele não estava convencido das palavras do Príncipe.

— Receio que estejas doente, Alteza — falou, com certa tensão na voz. — Vamos entrar, precisa descansar.

O príncipe levantou-se com certa dificuldade.

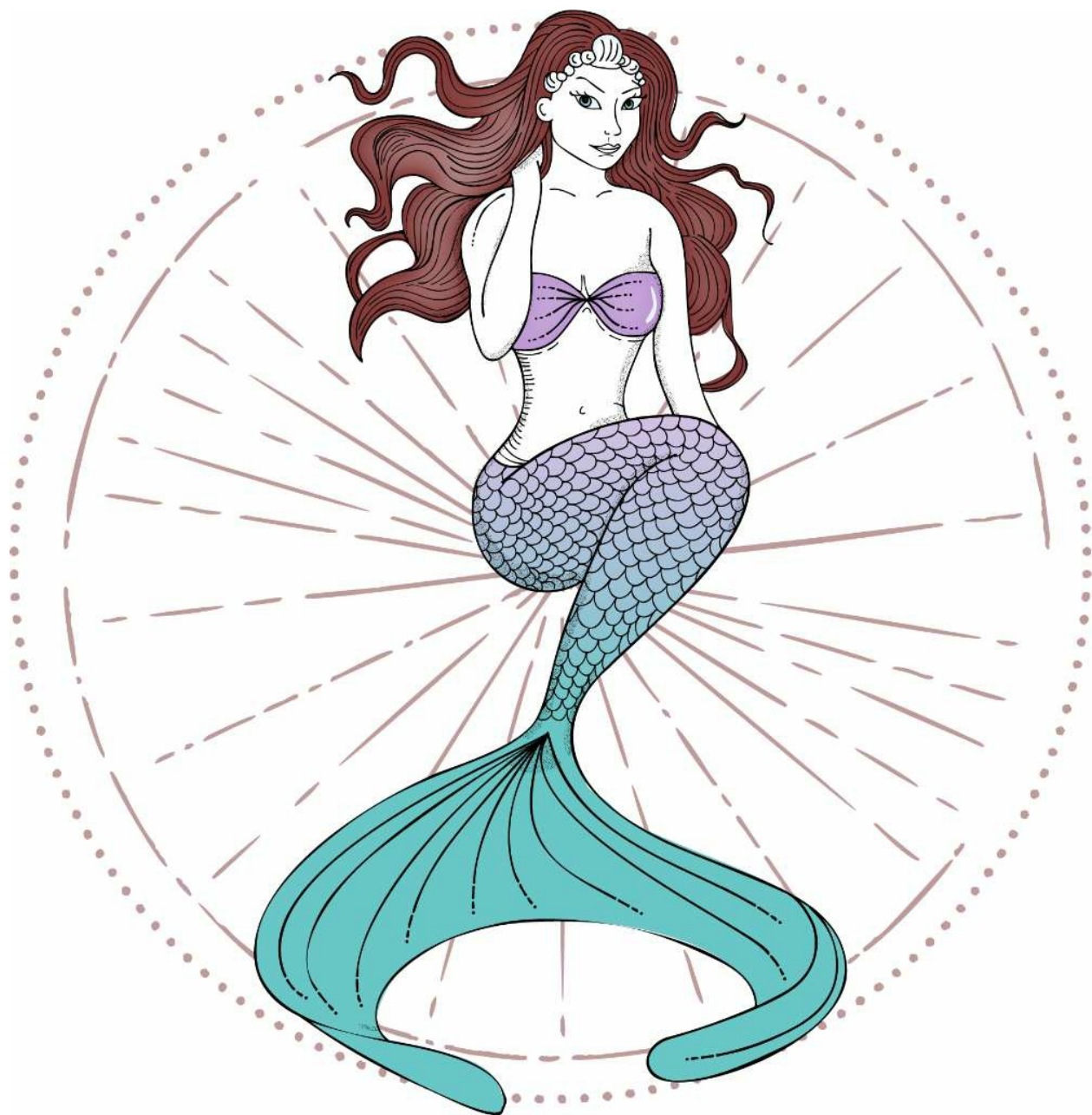
— O que é isso? — perguntou, olhando para o chão.

Um colar com uma concha estava ao seu lado, na areia. Os raios do sol o deixavam ainda mais brilhante quando o encontravam.

— É o colar da donzela! — disse Sedrick. — Mas, onde ela está?

O Grão-Duque procurou por Liren nos arredores, mas não havia nenhum sinal da menina por ali, apenas o colar. Edwin seguiu Sedrick de volta para o palácio, mas continuava a olhar para o mar mesmo de longe.

Algo lá lhe chamava.



ΕΠÍΛΟΓΟ

Kora nadou rapidamente — ela não podia perder tempo. Esqueceu das formalidades pela primeira vez ao entrar na sala do trono, onde seu pai estava. Ele já não era o mesmo desde a partida de sua filha mais nova. Percebera quantos erros cometeu ao longo dos anos, e sabia que era tarde demais para repará-los.

— Papai, papai! — Kora mostrava um entusiasmo jamais visto. — Ela voltou! A Liren voltou!

O Rei Marvin levantou-se de seu trono, correndo em direção a filha, que não conseguia se conter.

— Onde ela está? Eu preciso vê-la!

A filha mais velha olhou ao redor, enquanto se preparava para falar.

— Ela já está aqui, papai — disse, com um sorriso delicado, demonstrando paz. — As águas claras no topo do oceano... É a Liren. Eu a senti.

O Rei não disse nada. Ele sabia que era verdade, sentia sua filha também, mas custava acreditar que ela havia se tornado água. Preferia vê-la no mundo dos humanos a estar nesse estado.

— Eu sinto tanto... tanto. — Sua voz já não era tão imponente como antes. — Eudora também se foi. O ódio em seu coração era tanto, que a matou quando não conseguiu se vingar.

— Ela sabe, papai. Ela sabe.

Kora o abraçou, enquanto as águas ficavam cada vez mais claras e cristalinas no oceano.



O vento salgado inundava o rosto de Edwin. Sentia que podia voar em seu navio. Havia decidido que navegaria em busca de novos lugares, queria descobrir o mundo.

— Temos mesmo que fazer essa viagem, Alteza? Sabes que me enjoa fácil... — disse Sedrick, pronto para vomitar novamente.

Edwin gargalhou, enquanto olhava para o horizonte.

— Eu preciso desbravar esse mundo, Sedrick! Algo aqui dentro não me deixa ficar longe do mar! — olhou para o oceano, e com um grande sorriso voltou a falar. — Essa água é tão cristalina! Consigo ver os peixes e golfinhos daqui de cima, Sedrick!

— Que bom, Vossa Alteza... — não conseguiu concluir a frase, pois voltara a vomitar devido o balanço do mar.

Eu estou com você, pensou ele, enquanto pressionava o colar em sua mão.



As águas do mar nunca foram tão agitadas. Como uma correnteza, elas se movimentavam por todo o mundo. Certa vez, a agitação diminuiu, enquanto um casal molhava seus pés no mar. Um enorme tapete violeta com arabescos dourados sobrevoava as águas do oceano, que havia parado para contemplar o voo. O casal se abraçou antes que pudesse seguir viagem. A mulher pôs suas mãos nas águas claras e frias, sentindo as leves ondas tocarem-na. Viu, então, um pequeno lírio branco que boiava perto do tapete. Rapidamente, o pegou das águas e o segurou fortemente. Voltou a encostar a cabeça no ombro de seu amado, que comandava o tapete.

O tapete alçou voo para o mais alto que conseguia ir. O lírio branco, ainda seguro nas mãos da mulher, tocou as nuvens.

Ela voou. Voou como havia sonhado.